

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

VANESSA CARRASCO SANTOS

UMA PRONÚNCIA STANDAR DAS VOGAIS NASAIS DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

São Paulo
2011

VANESSA CARRASCO SANTOS

UMA PRONÚNCIA STANDAR DAS VOGAIS
NASAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

PUC/SP
São Paulo
2011

VANESSA CARRASCO SANTOS

jc.1604@hotmail.com

**UMA PRONÚNCIA STANDAR DAS VOGAIS NASAIS DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Estudos Posgraduandos em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Língua Portuguesa sob a orientação da Prof^a Dr^a Regina Célia Pagliuchi da Silveira

PUS/SP
São Paulo
2011

Aos meus filhos, Alexandre e Arthur .

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Regina Célia Pagliuchi da Silveira pela paciência nos momentos mais difíceis, pelas extraordinárias orientações e a grande atenção dispensada.

A minha mãe Tereza, a minha Tia Francisca e ao meu Irmão Robson que deram-me grande apoio.

Aos avôs do meu filho Alexandre.

A Profª Drª Marta Andrada que fez importantíssimas contribuições a respeito do assunto estudado.

A todos que conheci no mestrado.

A CAPES pelo apoio financeiro

“Quem pretende apenas a glória não a merece.”

Mário Quintana

Resumo

Esta dissertação situa-se na área da Descrição de Língua Portuguesa e delimitada aspectos articulatórios das vogais nasais pré, pós e tônicas do português brasileiro. Tem-se por tema, a descrição quantitativa e qualitativa da pronúncia standardizada, pela TV Globo, das vogais nasais do português brasileiro. O objetivo geral deste trabalho é contribuir com os estudos identitários de uma pronúncia standar do português brasileiro, a fim de propiciar a “desestrangeiração” de alunos, falantes de outras línguas que estão aprendendo o português brasileiro. Tem-se por objetivos específicos:

- 1- A descrição qualitativa e quantitativa da pronúncia das vogais nasais pré-tônicas;
- 2- A descrição qualitativa e quantitativa da pronúncia das vogais nasais pós – tônicas;
- 3- A descrição qualitativa e quantitativa da pronúncia das vogais nasais tônicas;

O procedimento de análise foi descritivo e explicativo, sendo os materiais coletados no banco de dados da pronúncia standar, arquivo este da Prof^a Dr^a Regina Célia Pagliuchi da Silveira. Os resultados obtidos possibilitaram a formulação de regras para a pronúncia idiomática do português brasileiro:

- 1-As vogais pré-tônicas nasais são articuladas seguindo o controle da letra;
- 2-As vogais pós-tônicas são realizadas pela vogal nasal ou pela redução vocálica ou desnasalação;
- 3-As vogais tônicas são realizadas por vogais nasais monotongações ou ditongações, dependendo do nº de sílabas da palavra;

4-As ditongações preferencialmente são crescentes;

Conclui-se que há uma pronúncia standardizada para as vogais nasais do português brasileiro e esta é controlada por regras fonológicas, fonéticas e morfofonológicas.

Palavras- chaves: Pronúncia do português brasileiro; vogais nasais; fonemas vocálicos

ABSTRACT

This dissertation is situated in the area of Portuguese Language Description and limited aspects of nasal vowels articulation pre, post and tonic in Brazilian Portuguese. There has been concern in the quantitative and qualitative description of the standardized pronunciation, by TV Globo, the nasal vowels of Brazilian Portuguese. The aim of this work is to contribute to studies of identity of a standard pronunciation of Brazilian Portuguese, in order to provide the "desestrangeração" students, speakers of other languages who are learning Brazilian Portuguese. It has specific goals for:

- 1 - The qualitative and quantitative description of the pronunciation of nasal vowels pre-stress;
- 2 - The qualitative and quantitative description of the pronunciation of nasal vowels post-tonic;
- 3 - The qualitative and quantitative description of the pronunciation of nasal vowels tonic;

The procedure of analysis was descriptive and explanatory materials being collected in the database of pronunciation stander, file this one from Prof. Dr. Regina Celia Pagliuchi da Silveira. The results enabled the formulation of rules for the pronunciation of Brazilian Portuguese idiom:

- 1-The pre-stress nasal vowels are articulated following the control of the letter;
- 2-The vowels post-tonic is made by nasal vowel or the vowel reduction or desnasalação;
- 3-Vowels tonic is made by nasal vowels monotongações or ditongações, depending on the number of syllables in the word,

The 4-ditongações preferably are increasing;

We conclude that there is a standardized pronunciation for the nasal vowels of Brazilian Portuguese and this is controlled by phonological rules, phonetic and morfofonológicas.

Keywords: Pronunciation of Brazilian Portuguese; nasal vowels; vowel phonemes

Sumário

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	1
-----------------------------	---

CAPÍTULO I

PRONÚNCIA STANDARDIZADA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	7
--	---

1.1 A pronúncia standardizada.....	7
1.2 A standardização do Português Brasileiro.....	10
1.3 A Televisão e a Rede Globo.....	13
1.4 A complexidade do fenômeno da pronúncia e a diversidade dos pontos de vista para o seu tratatamento.....	15
1.4.1 O ponto de vista linguístico.....	16
1.4.2 O ponto de vista social.....	17
1.4.3 O ponto de vista político.....	18
1.4.4 O ponto de vista idiomático.....	19
1.4.5 O ponto de vista cognitivo.....	20

CAPÍTULO II

TRAÇOS FONÉTICOS DAS VOGAIS NASAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	
--	--

2.1 Fonética e fonologia.....	23
2.2 A linguagem humana.....	25
2.3 A produção do som.....	28
2.3.1 O aparelho fonador e os mecanismos de produção dos sons	29
2.3.1.1 A corrente de ar.....	29
2.3.1.2 A fonação.....	31
2.3.1.3 Consoantes pontos e modos de articulação.....	34
2.3.1.4 As vogais.....	38
2.3.1.5 A nasalidade vocálica.....	38
2.3.1.6 A sílaba.....	40
2.3.1.7 Prosódia.....	42

CAPÍTULO III

TRAÇOS FONOLÓGICOS DAS VOGAIS NASAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA

3.1 O fonema.....	45
3.2 Os traços distintivos.....	49
3.3 O arquifonema.....	52
3.4 A questão da variação sonora.....	53
3.5 Processos fonológicos.....	54
3.6 Algumas considerações para uma descrição fonológica.....	56
3.7 A suma sintagmática.....	56
3.8 O acentema.....	57
3.9 Base signa, derivação e flexão.....	59
3.10 O inventário fonológico da central silábica com marca da nasalidade..	60
3.10.1 O inventário fonológico da central pré-tônica nasal.....	61
3.10.2 O inventário fonológico da central nasal em posição pós-tônica.....	62
3.10.3 O inventário fonológico da central nasal em posição tônica.....	63
3.11 Relação grafema-som-fonema.....	64

CAPÍTULO IV

RESULTADOS OBTIDOS DE UMA PRONÚNCIA STANDARDIZADA DAS VOGAIS NASAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

4.1 A ocorrência das vogais nasais pelo critério quantitativo.....	66
4.2 A pronúncia standardizada das vogais nasais pré-tônicas.....	68
4.2.1 /%/	68
4.2.2 /ã/	68
4.2.3 /\$/	69
4.3.A pronúncia standardizada das vogais nasais tônicas.....	70

4.3.1	
/ɐ/	70
4.3.2	
/ø/	70
4.3.3 /#/	71
4.3.4 /p/	71
4.3.5 /%o/	72
4.4.A pronúncia standardizada das vogais nasais pós-tônicas.....	73
4.4.1 /ɐ/	73
4.4.2 /ã/	73
4.4.3 /\$/	74
4.5 Juntura externa.....	74
4.5.1 /.../ + vogal.....	74
4.5.2 /ø/ + vogal.....	74
4.5.3 /#/ + vogal.....	75
4.5.4 /ã/ + vogal.....	75
4.5.5 /p/ + vogal.....	76
4.5.6 /%o/ + vogal.....	76
CONSIDERAÇÃO FINAL.....	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	82
ANEXOS TRANSCRIÇÃO FONÉTICA.....	87
AMOSTRA REPRESENTATIVA DO CORPUS.....	91

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pesquisa realizada situa-se na área da descrição da Língua Portuguesa, e está vinculada à linha de pesquisa História e Descrição da Língua Portuguesa, do Programa de Estudos Posgraduados em Língua Portuguesa da PUCSP.

Esta dissertação é relacionada a um projeto mais amplo da Dr^a Regina Célia Pagliuchi da Silveira sobre a pronúncia standardizada do Português Brasileiro. Os resultados apresentados da pronúncia das vogais nasais pré, pós e tônicas do Português Brasileiro, complementam os resultados apresentados por Bello-Bisson (2001) a respeito das vogais orais inacentuadas.

Tem-se por tema a descrição da pronúncia standardizada das vogais nasais no Português Brasileiro. A pesquisa realizada utilizou o banco de dados de Silveira do qual foi selecionado 60 minutos de gravação durante o mês de agosto de 2008. O *corpus* é composto de gravações de áreas da pronúncia dos apresentadores do Jornal Nacional da TV Globo, Fátima Bernades e Willian Bonner.

O objetivo geral da pesquisa é contribuir com a descrição de uma pronúncia standardizada do Português Brasileiro, a fim de “desestrangeirizar” alunos estrangeiros aprendizes do Português Brasileiro e falantes de outras línguas.

São objetivos específicos:

- 1- A descrição qualitativa e quantitativa da pronúncia das vogais nasais pré-tônicas;
- 2- A descrição qualitativa e quantitativa da pronúncia das vogais nasais pós –

tônicas;

3- A descrição qualitativa e quantitativa da pronúncia das vogais nasais tônicas;

4- Verificar a existência de regras que controlam o uso das variações lingüísticas.

A pesquisa realizada é justificada, pois, até a publicação de Silveira (2008), não havia ainda uma proposta de descrição de uma pronúncia identitária brasileira.

Como se sabe, o Brasil é um país quase continental. No seu imenso território, há uma diversidade imensa de pronúncias dialetais, grupais e individuais. Nesse sentido, qual pronúncia poderia ser selecionada para ser considerada identitária brasileira. Silva (2005: p.13) afirma: não há variante melhor ou pior de uma língua. *Há variante de prestígio, estigmatizadas ou neutras.*

Como se pode verificar, tratar da variação linguística é uma questão ideológica, relacionada ao poder. De forma geral, a seleção de uma variedade linguística vem sendo tratada pelas políticas linguísticas na disciplina sociolinguística.

Calvet (1996) diferencia as políticas linguísticas em: política *in vitro* e política *in vivo*

A política linguística *in vitro* é construída pelo Estado que tem o poder de impô-la à nação. A política linguística *in vivo* é construída por uma seleção realizada pelo povo que elege uma variedade linguística à qual atribui o grau “ótimo”.

Segundo Silveira (2008), o português brasileiro é controlado por uma política linguística *in vitro* que constrói o idioma nacional. Este, no que se refere à pronúncia, é caracterizado pelo dialeto carioca; tal decisão decorre do I Congresso Brasileiro de Língua Cantada em 1937 em São Paulo. Em 1956, aconteceu o I Congresso de Língua Falada no Teatro, que se realizou na Cidade de Salvador. O Prof. Celso Cunha, Presidente executivo do Congresso de 56, afirma que através do rádio, da televisão e do cinema, entre outros meios, o padrão culto terá uma tendência a se propagar nacionalmente.

Dessa forma, a descrição da pronúncia contida na parte Fonética da gramática tradicional do português no Brasil, é embasada no dialeto carioca.

Para a autora, há, também, uma política *in vivo* que controla a seleção de uma pronúncia identitária brasileira. Tal pronúncia foi criada e divulgada pela TV Globo, que, das redes nacionais televisivas, é a que tem maior alcance no território nacional e internacional. Os apresentadores da Rede Globo são treinados em laboratório de fonética para adquirirem essa pronúncia que resulta do apagamento de produções sonoras estigmatizadas, mantendo, apenas, as neutras.

Devido o seu alto alcance territorial e a sua grande aceitação pelos seus telespectadores, progressivamente, as demais emissoras televisivas passaram a adotar essa pronúncia que é designada “globês” por Silveira.

A autora realizou uma pesquisa com grande número de universitários brasileiros e estrangeiros, para os quais foram oferecidas várias pronúncias regionais e grupais brasileiras. Os informantes foram orientados a indicar qual daquelas pronúncias era a mais representativa do Brasil e considerada por eles a “melhor”. Tanto os estrangeiros quanto os brasileiros indicaram a pronúncia dos apresentadores do jornal Nacional da TV Globo como a melhor.

Segundo a autora, esse resultado decorre da grande audiência da TV Globo, o que propiciou que ela construísse uma política lingüística *in vivo*, de forma a identificar a fala dos brasileiros em sua diversidade com uma unidade imaginária, ou seja, identitária.

Logo, trata-se de uma pronúncia standard, que é standardizada pela TV Globo devido ao seu prestígio social, no atual contexto histórico brasileiro.

A autora afirma que o processo de escutar e falar implica a identificação e a reprodução por processos cognitivos de forma a construir na memória social das pessoas, a longo prazo, um conjunto de representações mentais sonoras-tipo. São elas que propiciam reconhecer o que é de identidade brasileira para a pronúncia.

Nesse sentido, o falante nativo de uma língua representa mentalmente construções sonoras relativas a signos lingüísticos, que armazena na memória e, através de um processo de inferências, realiza associações com informações que já possui, atribuindo-

lhe significado. Tais associações referem-se tanto ao conteúdo semântico do signo em questão, quanto às características articulatórias, que definem as variações de realização do signo. Essas variações manifestam-se de forma infinita, pois se sabe que o som de um fonema não se repete, ainda que pronunciado pelo mesmo indivíduo. Fatores de ordem física, fisiológica, emocional e outros, interferem na articulação do fonema, de sorte que a associação com o signo também resulta alterada.

Assim como todas as manifestações sociais identificam os grupos de indivíduos e a sua classe social, a pronúncia também identifica o prestígio daqueles que a realizam. Podemos dizer que os brasileiros identificam o “globês”, como o de maior prestígio na Brasil.

A pesquisa foi realizada com o seguinte procedimento:

1-Foram selecionados 2 minutos diários de gravações das pronúncias de Fátima Bernades e Willian Bonner, durante o mês de agosto de 2008. As gravações integrais dos diferentes dias de apresentação do Jornal Nacional da Rede Globo, fazem parte do banco de dados de pronúncia da Profª Drª Regina Célia Pagliuchi da Silveira.

2-Foram realizadas transcrições fonéticas num total de 60 horas das gravações selecionadas.

3-As transcrições foram realizadas pela percepção auditiva e conferidas com as transcrições já realizadas e alocadas no banco de dados.

4-As transcrições foram consideradas corpus de análise: cada ocorrência de vogal nasal foi numerada, dependendo de estarem em sílaba acentuada ou inacentuada.

5-Foram segmentadas as unidades lexicais, de forma a considerar como critério o acento da palavra em sílabas acentuadas tônicas e inacentuadas pré, e pós tônicas, tendo por critério o segmento fonológico. Sendo assim, para esta pesquisa, organizaram-se as fichas por: SAT1- o acento estava posicionado uma sílaba antes da sílaba tônica, SAT2- o

acento estava posicionado duas sílabas antes da sílaba tônica, SAT3- o acento estava posicionado três sílabas antes da sílaba tônica, SAT4- o acento estava posicionado quatro sílabas antes da sílaba tônica, ST1- o acento estava posicionado na 1ª sílaba, ST2- o acento estava posicionado na 2ª sílaba, ST3- o acento estava posicionado na 3ª sílaba, ST4- o acento estava posicionado na 4ª sílaba, SPT1- o acento estava posicionado uma sílaba depois da sílaba tônica, SPT2- o acento estava posicionado duas sílabas depois da sílaba tônica, SPT3- o acento estava posicionado três sílabas depois da sílaba tônica, SPT4- o acento estava posicionado quatro sílabas depois da sílaba tônica. Os resultados obtidos, foram organizados, tendo por critério o número de sílabas.

Esta dissertação é composta por:

Capítulo I “Pronúncia standardizada do Português Brasileiro”

Este capítulo apresenta com uma visão sociolingüística, a política linguística in vivo instaurada pela TV Globo que propiciou o aparecimento de uma pronúncia standardizada do Português Brasileiro. Os argumentos são apresentados por diferentes pontos de vista, devido a complexidade contida no termo pronúncia.

Capítulo II “Aspectos fonéticos das vogais nasais no Português Brasileiro”

Este capítulo apresenta uma revisão dos fundamentos básicos para a realização da descrição sonora do Português Brasileiro

Capítulo III “Traços fonológicos das vogais nasais da Língua Portuguesa”

Este capítulo apresenta uma revisão de fundamentos básicos para a descrição dos fonemas vocálicos nasais do Língua Portuguesa.

Capítulo IV “Resultados obtidos de uma pronúncia standardizada das vogais nasais do Português Brasileiro”

Este capítulo apresenta resultados quantitativo e qualitativo da pronúncia standardizada “globês” para as vogais nasais acentuadas tônicas e inacentuadas pré e

pós- tônicas.

E as “Considerações finais”, traz os resultados obtidos, além do cumprimento dos objetivos propostos.

CAPÍTULO I

PRONÚNCIA STANDARDIZADA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Os estudos que possam fornecer subsídios para a eleição de uma pronúncia estandardizada para o português brasileiro devem ser realizados com base em uma visão multidisciplinar. É preciso, também, que considerem as diferenças entre a pronúncia idiomática, que é imposta politicamente para o país, e aquela pronúncia que, tendo passado pela avaliação dos usuários da língua, demonstrou possuir propriedades para ser considerada como preferida por esses mesmos usuários.

1.1 A pronúncia standardizada

Entende-se por pronúncia standardizada aquela pronúncia que se apresenta como uma arquinorma para as diferentes normas sonoras grupais e regionais de um país.

Toda norma é definida por uma frequência alta de realização que constitui em sua relação com a sociedade, uma variedade linguística.

Os grupos sociais e as diferentes regiões do imenso território geográfico que constitui o Brasil apresentam uma grande diversidade de pronúncias. Todavia, uma delas é eleita pela nação para ser considerada identidade nacional, na medida em que há uma pronúncia brasileira que identifica seus falantes nativos, ainda que ela não seja a norma grupal ou regional para todos os falantes.

Assim sendo, uma pronúncia standar é um padrão extragrupal válido para todos os nativos de uma nação. Silveira (2008), ao tratar de uma pronúncia standar brasileira, discute a existência de duas pronúncias para o território

nacional. Elas seriam a pronúncia idiomática e a pronúncia standardizada. Ambas as pronúncias são frutos de duas políticas linguísticas: a idiomática é construída *in vitro* e imposta pelo poder estatal; a standardizada é construída e divulgada de forma a obter a preferência nacional.

Silveira caracteriza a pronúncia dos apresentadores do Jornal Nacional da TV Globo como uma pronúncia standardizada do Português Brasileiro.

A autora argumenta que essa pronúncia foi construída com a neutralização de traços articulatórios específicos de pronúncias estigmatizadas ideologicamente no país; apenas os traços articulatórios neutros são mantidos. Dessa forma, a pronúncia dos apresentadores da TV Globo é apresentada como uma variável mais neutra, com o objetivo de ser amplamente aceita pelos falantes-ouvintes nativos do português brasileiro.

Como se sabe a TV Globo é do Rio de Janeiro e a pronúncia carioca é estigmatizada em diferentes regiões brasileiras; conseqüentemente, a TV globo tinha problemas para o alcance territorial no país.

Ao instaurar o “globês”, a TV globo conseguiu um grande público de telespectadores nacionais e internacionais, ainda que estes apresentem variações linguísticas diferentes.

Considerando que a neutralização desses traços articulatórios possibilitou a aprovação da pronúncia dos apresentadores do Jornal Nacional da TV Globo, pelos informantes da pesquisa levada a cabo por Silveira (2008) no *IP-PUCSP*, a autora comenta:

O fato de ter um amplo acesso geográfico diário, nacional e internacional, propiciou que essa arquinorma, progressivamente, devido ao “prestígio” que a Globo tem com os telespectadores, fosse instaurada como uma unidade na diversidade das pronúncias dos diferentes grupos linguísticos, sociais e geográficos. Essa arquinorma passa a ser reconhecida por nativos e

estrangeiros como a pronúncia mais representativa do brasileiro e, *ideologicamente*, avaliada como grau ótimo de aceitabilidade. Nesse sentido, passa a ser, política e ideologicamente, reconhecida, neste momento histórico, como uma pronúncia padrão identitária. (p.33)

Tem-se por ponto de partida que o brasileiro é identificado por uma pronúncia típica que o diferencia de outros povos de língua lusófona. Entende-se que tanto os brasileiros quanto os estrangeiros são capazes de reconhecer essa identidade standardizada. Assim sendo, quando um estrangeiro quer aprender o português brasileiro, ele precisa ser introduzido, por um ensino formal, na pronúncia standardizada do país. Esta deve, ideologicamente, ser reconhecida tanto por nativos quanto por estrangeiros como unidade 'ideal' existente na diversidade de pronúncias brasileiras.

A pronúncia standardizada proposta por Silveira em 2008 resulta de uma pesquisa realizada pela autora (1998) a fim de encontrar uma arquinorma. Com informantes estrangeiros e nativos que foram expostos a diferentes gravações de variedades/variações linguísticas do português brasileiro, relativas a variedade nativa, ao padrão real e ao padrão-normativo. Os resultados obtidos pela autora indicam que tanto os nativos quanto os estrangeiros reconhecem como unidade 'ideal' de pronúncia a que está presente na fala dos apresentadores do Jornal Nacional da TV Globo.

Ao buscar explicar esses resultados, a autora analisa o material gravado e verifica que a atribuição do valor “ótimo” é “ideal” e decorre do cancelamento de características sonoras específicas das diferentes variedades/variações de pronúncia dos brasileiros, resultantes da diversidade de grupos geográficos e sociais, caracterizados pelo nível de escolaridade. Segundo a autora, trata-se de uma pronúncia específica, o “globês”. Esta emissora, como já foi dito anteriormente, atinge um grande público nacional e internacional, torna-se um foco de irradiação importante da pronúncia idiomática brasileira. Além disso, diariamente, os seus telespectadores estão expostos à pronúncia da arquinorma “globês” dos apresentadores de notícias e, com isso, progressivamente, eles passam a construir representações mentais sonoras-

tipo que ficam armazenadas em suas memórias de longo prazo, independente da variedade/variação de pronúncia dos grupos sócio-cognitivos brasileiros.

Assim, a autora apresenta a sua proposta de adoção da pronúncia dos apresentadores do Jornal Nacional da TV Globo como o modelo a ser seguido para a standardização de uma pronúncia para o português brasileiro. Por esta razão, a pronúncia dos apresentadores do Jornal Nacional da TV Globo é avaliada como a mais representativa da pronúncia do brasileiro, na medida em que se constrói uma instância de controle mental a respeito do que se aceita como grau “ótimo” para uma determinada faixa da população.

1.2 A standardização do Português Brasileiro

A questão da standardização do Português Brasileiro tem percorrido diferentes momentos históricos brasileiros. Ilari e Basso (2006) fazem esse percurso e afirmam que todas as grandes línguas da cultura que conhecemos hoje, ao longo de sua história, passam por um processo de standardização. Por standardização, entende-se que é o fato de uma língua assumir uma mesma forma para a maioria dos usuários, e estes que os passam a obedecer a modelos definidos. No processo de standardização de uma língua entram, às vezes, fatores da natureza extralinguística. Entre eles, cabe lembrar as grandes inovações tecnológicas que afetaram a comunicação no último milênio. Em poucos séculos, a invenção da imprensa fez com que as mesmas obras pudessem ser lidas exatamente com o mesmo texto em lugares diferentes. Antes da imprensa, elas circulavam em versões manuscritas, produzidas a bico de pena em oficinas de cópia: a ignorância dos empregados a respeito do assunto da obra, suas diferenças de formação, a própria lentidão da tarefa, que obrigava a utilizar vários copistas na produção de um mesmo manuscrito, faziam com que o texto copiado se alterasse ao longo do tempo.

Ainda afirmam os autores (p.213) que, no século XX, a standardização

esteve intimamente ligada à explosão dos meios de comunicação de massa (o rádio, a televisão, o jornal, o *outdoor* e a internet), e algumas grandes tendências da educação, como a generalização do ensino primário, que gerou um mercado de livros didáticos de grandes proporções e levou à criação de uma rica literatura infantil. É difícil avaliar de maneira exata a influência de todos esses fatores extralinguísticos, mas o certo é que eles contribuíram para uniformizar a língua e frear suas mudanças. É comum, nas línguas da sociedade mais complexas, que os falantes procurem definir e consagrar modelos de uso, pois em todas as situações socialmente relevantes falar (ou escrever) segundo os modelos mais prestigiados é uma forma de reforçar a adesão a certo grupo e, indiretamente, de acrescentar valor à própria mensagem. O problema da escolha de bons modelos apareceu várias vezes na história do português do Brasil, dando margem a debates que ficaram célebres e formando correntes de opinião que demonstram grande vitalidade. Mas as palavras norma e modelo remetem a uma pluralidade de interesses e, de fato, a busca de uma norma para o português brasileiro preocupou autores que tinham propósitos muito diferentes. Nem sempre essa diferença de propósitos é apontada com clareza na biografia sobre a matéria, e isso tem sido motivo de equívocos, levando a ver, como facetas de um mesmo fenômeno situações e iniciativas que eram, de fato, bastante distantes.

Uma confirmação significativa, cita os autores, é a questão da norma linguística que continuava sendo um problema importante para a sociedade brasileira, no século XX. Dessa forma, foram realizados, respectivamente em 1936 e 1957, dois grandes congressos convocados para ‘regulamentar’ a língua utilizada em dois gêneros artísticos, particularmente, importantes: o canto lírico e o teatro. O Congresso Brasileiro de Língua Cantada foi realizado em São Paulo em 1936, por inspiração de Mário De Andrade, e contou com a participação do poeta Manuel Bandeira e do filólogo Antenor Nascentes.

O Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro realizou-se em 1958, em Salvador, e teve como relator o filólogo Antônio Houaiss. Apesar da distância no tempo, esses dois congressos tiveram muitos pontos em comum: a) reconheciam implicitamente que a língua portuguesa, no Brasil, era falada

de várias maneiras, que não coincidiam com as maneiras utilizadas em Portugal; b) partiam do pressuposto de que a norma era sobretudo uma questão de sotaque, que se resolveria se todos tomassem como modelo a fala de alguma cidade ou região do Brasil, eliminando os traços que fossem considerados ‘regionalismo’ (por exemplo o “sibilismo” dos paulistas ou o “gargarismo” ou “chichismo” dos cariocas).

As teses aprovadas em 1936 (sob influência de Mário de Andrade e Manuel Bandeira) iam no sentido de apontar como exemplo a fala do Rio de Janeiro, considerada superior por razões culturais e históricas, embora tivesse sido considerada a possibilidade de chegar a uma ‘média’ das diferentes pronúncias regionais. O propósito de apontar a fala de uma única região como norma para todo um país corresponde a uma atitude típica daquela época. Essa expectativa foi substituída, no segundo congresso (que teve como eminência parda o filólogo Antônio Houaiss), pelo reconhecimento de que há diferentes normas regionais, e que um modelo de pronúncia deveria ser resultado de uma ‘negociação’ entre as regiões. Um aspecto comum aos dois congressos foi a idéia de que, uma vez definida por um fórum de especialistas, a pronúncia recomendada acabaria se espalhando para áreas cada vez mais amplas do país através do ensino.

O gramático Celso Cunha, presidente do congresso de 1957, antecipou com grande lucidez em seu discurso de abertura os efeitos da revolução tecnológica pela qual passariam, algumas décadas mais tarde, os grandes meios de comunicação de massa, e convocou esses meios, sobretudo a televisão e o rádio, como possíveis aliados na implantação em nível nacional da língua escolhida pelos congressistas. Os grandes canais de televisão, que transmitem em cadeia nacional, são certamente, hoje, um fator de uniformização linguística muito importante.

Embora os autores não tenham pesquisado na atualidade brasileira uma pronúncia standardizada, eles conseguem intuir que o Português Brasileiro utilizado nos diferentes programas dos diferentes canais televisivos é muito desigual e, de fato, não corresponde ao modelo, culto e aristocrático, com que

sonhavam os congressistas de 1957. Porém, os autores não alcançaram a pronúncia standardizada no português brasileiro, construída pela TV Globo e que hoje é copiada por outros canais televisivos e aceita por toda nação brasileira.

1.3 A televisão e a Rede Globo

A televisão é o veículo de comunicação de massa mais prestigiado pela população brasileira, sendo que o jornal nacional é visto, diariamente, por mais de 40 milhões de pessoas – de acordo com as informações publicadas pela Rede Globo (2001).

Bello-Bisson (2001) fez um levantamento a respeito do alcance territorial da TV Globo em relação às demais redes televisivas brasileiras. Segundo a autora, o rádio atinge a maioria do público brasileiro, mas sua forma de ação é capilarizada. Logo, para muitos brasileiros, o jornal televisivo mostra-se, praticamente, como a única forma de acesso às informações – regionais, nacionais e internacionais – e o Jornal Nacional, exibido no horário nobre (por volta das 20 horas), apresenta alto índice de audiência, normalmente muito fiel ao programa.

Segundo Lins da Silva (1985), o Brasil é uma sociedade cuja indústria gira em torno da televisão. Embora o rádio ainda seja o meio de comunicação de maior penetração, a televisão é mais influente. E quem é a televisão brasileira? A rede Globo de Televisão continua sendo a rainha inquestionável.

A televisão tem, portanto, o poder de transmitir um manancial formidável e quase ininterrupto de informação para as regiões mais longínquas, isoladas e atrasadas do país e de outros países.

Calvet (2007) trata da padronização de uma língua, diferenciando duas

gestões: *in vitro* e *in vivo*. Esta última é relativa à intervenção política para controlar as variedades nas práticas sociais. A gestão *in vivo* refere-se ao modo como as pessoas, cotidianamente confrontadas com problemas de comunicação, resolvem cada situação. Assim sendo, o autor diferencia a política lingüística “espontânea”, *in vivo*, que depende da escolha popular, da *in vitro*, que decorre da escolha dos planejadores que participam do poder do Estado.

Segundo a Sociolinguística, o objeto de estudo da Linguística não é apenas a língua ou as línguas, mas como a comunidade social reage a seus diferentes usos. Esse ato ou efeito de padronizar faz com que a pronúncia, avaliada como *ótimo* por nativos e estrangeiros, torne-se uma arquinorma que pode servir de parâmetro para diagnosticar as dificuldades de pronúncia existentes para aprendizes do português brasileiro. Além disso, pode ser usada como material autêntico para o ensino da pronúncia standardizada.

Ilari e Basso (2006) tratam da definição de uma norma “brasileira” e consideram que é comum que os falantes procurem definir e consagrar modelos de uso, na medida em que, em todas as situações linguísticas socialmente relevantes, as pessoas procuram seguir modelos privilegiados pelo(s) grupo(s) social(ais). Isso é uma forma de reforçar a adesão de certos grupos sociais ao uso que é considerado de prestígio para eles.

Esses resultados e considerações conferem com Silveira (1998), ao tratar do *globês* como a pronúncia identitária para o português brasileiro, a fim de preencher as lacunas e atender às dificuldades existentes no ensino de nossa pronúncia para falantes de outras línguas. Segundo a autora, a pronúncia estandardizada é uma arquinorma televisiva, irradiada pela TV Globo, resultante do longo alcance geográfico dessa rede de televisão e de sua aceitabilidade por parte dos falantes /ouvintes do português brasileiro, tanto em território nacional quanto internacional, ainda que não a usem, efetivamente.

1.4 A complexidade do fenômeno da pronúncia e a diversidade dos pontos de vista para seu tratamento

O termo pronúncia é complexo e para o seu tratamento faz-se necessário multidisciplinaridade.

Assim como os conceitos de discurso, linguagem, interação, cultura, ideologia e sociedade são conceitos essencialmente fluidos e complexos que requerem diferentes pontos de vista, tais como: o linguístico, o cognitivo, o social, o ideológico e o histórico.

Durante o estruturalismo linguístico, que se desenvolveu de forma unidisciplinar, com a atenção dos estudiosos voltada para o sistema de uma língua, ou para a competência de um falante ideal, o grau “ótimo”, para a pronúncia, foi situado no ponto de vista linguístico.

Assim, Mattoso Câmara Jr. (1964: p.288-289) conceituou a pronúncia:

Pronúncia- impressão acústica geral produzida pela atividade de fonação numa língua dada. Abrange em seu conceito todos os fatos fônicos de que tratam separadamente a fonologia, a fonêmica e a ortoépia incluindo ainda as peculiaridades do sotaque, quer regionais, quer individuais. Do ponto de vista ortoépico, a pronúncia pode ser: a) cuidada ou vulgar; b) precisa ou relaxada.

A pronúncia cuidada e precisa corresponde ao ótimo das oposições e

correlações de fonemas e das variações posicionais.

No momento atual, com a visão pragmática para os estudos linguísticos, que é multidisciplinar, a língua é observada em seu uso efetivo, situando-se a fala na relação texto e contexto de produção para o tratamento do discurso. Dessa forma, o conceito de pronúncia requer o exame dos fenômenos lingüísticos por outras metodologias qualitativas e quantitativas, a fim de se dar conta de fenômenos humanos sócio-histórico culturais, com naturezas diversificadas e complexas e mantém relações diretas do social com o político, além do ideológico.

1.4.1 O ponto de vista linguístico

Silveira (1983), ao descrever as articulações sonoras do idioma português, centraliza suas atenções em bases articulatórias. Estas são fenômenos pragmáticos de constância que do ponto de vista do falante, é o conjunto de hábitos articulatórios que caracterizam a fala sonora das pessoas. Do ponto de vista do ouvinte, as bases articulatórias propiciam que os indivíduos identifiquem, em seus aparelhos auditivos, o som das vozes das pessoas, e nesse momento, pensam que estão sempre ouvindo um mesmo som, embora este nunca se repita.

Cardona (1988) afirma que a pronúncia é um termo não técnico para indicar a realização fonética efetiva, mas diversa, na medida em que, por exemplo, no uso efetivo da língua, ouve-se dizer para alguém “a sua pronúncia é perfeita”, e para a nação italiana a partir de uma comunidade, ouve-se dizer “a correta pronúncia italiana é essa”.

Logo, a definição proposta no dicionário de Cardona abrange também o ponto de vista ideológico que é avaliativo e discriminatório.

1.4.2 O ponto de vista social

Uma sociedade é constituída socialmente por uma diversidade de grupos sociais que se caracterizam, por exemplo, por faixa etária, profissão, grau de escolaridade, assim como pelo poder aquisitivo, econômico e político. A sóciolinguística trata, privilegiadamente, da correlação linguagem- contexto social (relações sociais).

Heye (1990), com uma visão variacionista trata do ensino da língua portuguesa, de forma a considerar os grupos sociais pelo critério de escolaridade. Dessa forma, apresenta dois grupos sociais: um de baixa escolaridade ou nenhuma; e o outro de alta escolaridade.

Ao grupo de baixa ou nenhuma escolaridade, Heye atribui a variedade linguística nativa que é apenas oral. Ao grupo de alta escolaridade, o autor atribui duas variedades: uma oral, designada variedade padrão oral; e a outra escrita, designada variedade padrão normativo.

Segundo o autor, dependendo do contexto onde ocorre a interação comunicativa, faz-se necessário que o padrão normativo gramatical substitua o padrão real. Assim, por exemplo, em uma conferência, um professor universitário tem de usar o padrão gramatical normativo que é escrito em uma situação oral.

Silveira (2008), ao tratar da pronúncia standardizada do português brasileiro, explica que os apresentadores do Jornal Nacional utilizam o padrão gramatical normativo, mesmo porque a fala sonora deles é produto de um texto escrito.

Bello-Bisson (2001), em seus resultados obtidos indica que a pronúncia standardizada das vogais orais pré-tônicas é controlada pela escrita.

1.4.3 O ponto de vista político

O ponto de vista político é sempre envolvido pela ideologia do poder. A ideologia compreende um conjunto de valores utilizados para a discriminação social, a fim de que o poder se mantenha.

Schuchardt (1885), a fim de contestar a noção de lei fonética cega e necessária, proposta pelos neogramáticos, propõem que uma língua se manifesta por diferentes falas e elas se interinfluenciam, reciprocamente, mas sem chegar a suprimir as diferenças existentes entre elas, porque a moda também atua aí como uma força irresistível. Para o autor, a maneira de falar das pessoas influentes, que por terem prestígio são consideradas “superiores” pelos outros falantes, é (aceita ou) imitada de maneira incontida.

Segundo a teoria das ondas proposta por Schuchardt há na influência linguística dos falares um “foco de irradiação lingüística”. Tal teoria é conhecida como a metáfora do lago, pois, para explicá-la, o autor propõe que se observe a superfície tranquila das águas de um lago. Aí alguém joga uma pedra e envolta dessa pedra começa uma movimentação em onda que vai do centro onde caiu a pedra até as bordas do lago que, depois, retorna ao centro até perder a velocidade. Porém, se ao mesmo tempo forem jogadas pedras de tamanhos e pesos diferentes, ao redor de cada pedra ocorrerá a formação de ondas em busca das bordas e aquela que for mais pesada e maior, apresentará ondas mais fortes que anularam as ondas menores no seu movimento de ir e vir das bordas ao centro . Logo, um foco de irradiação é um lugar de onde emana uma força irresistível que subjulga as demais.

A TV Globo, por ter o maior alcance nacional e internacional, apresenta-se como uma força irresistível, pois todos os dias chega às casas do seu imenso auditório de telespectadores. Nesse sentido, a pronúncia “globês”, segundo

Silveira (2008), passa a caracterizar uma pronúncia identitária brasileira, ou seja, uma unidade na diversidade de variações de pronúncias, dos nossos diferentes grupos sociais, de forma a construir um poder simbólico na sociedade.

1.4.4 Ponto de vista idiomático

Mattoso Câmara Jr. (1964: p.188) considera que:

Idioma é o termo com que se insiste na unidade lingüística inconfundível de uma nação em face das demais. Enquanto o conceito de língua é relativo a se amplia a uma língua comum, a um dialeto, a um falar, a uma gíria e até um idioleto, o idioma só se refere à língua nacional, propriamente dita, e pressupõem a existência de um estado político, do qual seja a expressão lingüística.

Desde que se considere sob o ponto de vista social, o Brasil é um imenso território geográfico povoado por grupos sociais diferentes, devido à situação geográfica, à idade, à história, ao sexo, à escolaridade, entre outras.

Manter unido esse diverso conjunto de grupos sociais, exige que o Estado estabeleça uma política de língua, cuja função é selecionar uma das variedades linguísticas para ser considerada norma nacional.

O item 1.3, apresenta as dificuldades encontradas até se selecionar o dialeto carioca como norma nacional, ou seja, a variedade política designada idioma que se torna a base para a construção das gramáticas tradicionais no Brasil, na Parte Fonética, de forma a regulamentar uma pronúncia idiomática.

Embora seja ensinada nas escolas das diferentes regiões brasileiras, o idioma imposto pelo poder do Estado não se tornou foco de irradiação no

Brasil.

Segundo Silveira (2008), O foco de irradiação com força irresistível é a pronúncia do “globês”, que é considerada que grau “ótimo” pelos falantes do português brasileiro em nível nacional e internacional.

1.4.5 O ponto vista cognitivo

Com as contribuições recebidas dos psicólogos da memória, Kintsch e Van Dijk (1983) tratam do processamento da informação para a compreensão discursiva, situando a teoria da memória por armazéns revista por Kintsch. Essa teoria define a memória humana por três grandes armazéns: memória de curto, médio e longo prazo.

A memória de curto prazo é sensorial é quantitativa, é ela que dá entrada para que a informação seja processada.

A memória de médio prazo armazena sentidos, as proposições por um determinado período, enquanto ocorre o processamento da informação.

Entre a memória de curto prazo e a de médio prazo está situada a memória de trabalho, cuja a tarefa é transformar os elementos lingüísticos em unidades de sentido. Com o auxílio das inferências, é produzido um n- tuplo de proposições que são sentidos secundários. Estas, recursivamente, constroem, com estratégia de redução da informação, os sentidos mais globais, ou a coerência textual.

A memória de longo prazo é subdividida em: memória social e memória individual. A memória social armazena sistemas de conhecimentos diferentes (lingüístico, enciclopédico, entre outros). Cada um deles armazena as representações mentais que são formas de conhecimentos sociais. A memória de longo prazo individual armazena formas de conhecimentos decorrentes de

experiências pessoais.

Apenas os sentidos globais são armazenados a longo prazo. Denhière e Baudet (1992) diferenciam as representações mentais cognitivas, enquanto formas de conhecimento, em representações ocorrentes e representações tipo.

As representações ocorrentes são construídas na memória de trabalho durante o processamento da informação. Elas são transitórias e construídas na memória de trabalho com o auxílio de inferências.

As representações tipo são concebidas como estados mentais, isto é, estruturas de memórias persistentes que são ativadas pelos indivíduos, atribuindo a elas existência, pois são elas, armazenadas na memória de longo prazo, que propiciam explicar a construção de representações ocorrentes na memória de trabalho.

Segundo Silveira (2008), durante o processamento da informação, os falantes constroem representações mentais tanto da pronúncia quanto semânticas.

Devido à ocorrência frequente diária do “globês” irradiado pela TV Globo, os telespectadores constroem representações sonoras-tipo que são armazenadas no sistema linguístico da memória social de longo prazo. Por essa razão, atribui a essas representações sonoras-tipo o valor ótimo, de forma a privilegiar a pronúncia do “globês” em detrimento das demais pronúncias brasileiras.

Em síntese, este capítulo apresentou as bases teóricas para argumentar a legitimidade da proposta de Silveira que considera a pronúncia standardizada brasileira o “globês”. Não se trata de uma pronúncia standar a ser imposta como padrão identitário nacional de pronúncia; trata-se de irradiar para o território nacional e internacional representações sonoras-tipo que, por serem aceitas, devido ao prestígio do referido canal televisivo, de seus jornalistas e

apresentadores, passa a ser aceita e imitada, construindo, assim uma representação identitária de pronúncia.

CAPÍTULO II

TRAÇOS FONÉTICOS DAS VOGAIS NASAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Este capítulo apresenta uma revisão dos fundamentos básicos para a descrição da produção sonora das vogais nasais do português brasileiro.

2.1 Fonética e fonologia

Segundo Callou e Leite (2000), a fonética estuda os sons como entidades físico-articulatórias isoladas; a fonologia estuda os sons do ponto de vista funcional como elementos que integram um sistema linguístico determinado. Assim, à fonética cabe descrever os sons da linguagem e analisar suas particularidades articulatórias, acústicas e perceptivas. À fonologia cabe estudar as diferenças fônicas intencionais, distintivas, isto é, que se vinculam as diferenças de significação, estabelece como se relacionam entre si os elementos de diferenciação e quais as condições em que se combinam uns com os outros para formar morfemas, palavras e frases. A fonética se distingue, pois, da fonologia pelo fato de considerar os sons independentemente de suas oposições paradigmáticas – aquelas cuja presença ou ausência importa em mudança de significação (pala: bala: mala: fala: vala: sala: cala: gala etc.)- e de suas combinações sintagmáticas, ou seja, os seus arranjos e disposições lineares no contínuo sonoro (Roma, amor, mora, ramo etc.).

A unidade da fonética é o som da fala ou o fone, enquanto a unidade da fonologia é o fonema. A fonética e fonologia têm sido entendidas como duas disciplinas interdependentes, uma vez que para qualquer estudo fonológico é indispensável partir do conteúdo fonético, articulatório e/ou acústico para determinar quais são as unidades distintivas de cada língua. A caracterização da fonética como ciência que trata da substância da expressão e da fonologia

como a ciência que trata da forma da expressão é aceita pela maioria dos linguístas por não implicar a oposição entre os dois campos do conhecimento, nem sua independência e autonomia.

Silveira (1986) mostra essa interdependência com o seguinte gráfico:

	SOM	
FONEMA	SONEMA	ALOFONE
- traços invariáveis distintivos de signos;	- traços frequentes que não distingue signos, portanto caracterizam normas de realização;	- traços acidentais que não distinguem signos, mas necessários para a realização do som;
- cada traço é um fema e o conjunto, o fonema;	- cada traço é um sone e o conjunto, o sonema;	- cada traço é um fone e o conjunto, o alofone;
- unidade do sistema fonológico da língua	- unidade das normas de realização dos fonemas; bases articulatórias, isto é, conjunto de hábitos articulatórios de um grupo linguístico	- unidade da fala

Ainda de acordo com a autora, os termos fonética e fonologia têm sua composição vocabular a raiz grega *phon* – som, voz. O termo fonologia, cunhado por volta do final do século XVIII, teve, a princípio, a acepção de ciência dos sons da fala e só a partir de 1928 passou a ter o sentido que tem hoje. A contribuição de Ferdinand de Saussure e Baudoin de Courtenay foi decisiva para a mudança de interpretação linguística do termo. Baudoin de Courtenay, em fins do século XIX, foi um dos primeiros a tentar distinguir de modo mais sistemático o estudo dos elementos que têm um papel na significação (fonemas)- estudo esse que dominou psicofonética- daqueles que são resultado das realizações individuais dos falantes (fones ou sons da fala). A esse estudo deu o nome de fisionética.

Ferdinand Suassure em 1969 no *Curso de lingüística geral*, traz os resultados dos seus estudos e distingue fonética de fonologia, reservando à fonética o seu uso original de estudo das evoluções dos sons. Segundo o autor, “a fonética é uma ciência histórica, analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo. A fonologia se coloca fora do tempo, já que o mecanismo da articulação permanece sempre igual a si mesmo”.

No início do século XX, no 1º Congresso Internacional de Lingüística em Haia, com os estudos de Troubetzkoy, Jakobson e outros componentes do Círculo, a fonologia se constitui como um campo distinto da fonética, tendo um objeto próprio de estudo, o fonema. Suassure já havia absorvido esses elementos a partir de suas concepções dialéticas: língua (*langue*) e fala (*parole*); forma e substância; sintagma e paradigma; sincronia e diacronia.

2.2 Linguagem humana

Para Rocha (1999), falar é tão natural para os seres humanos, como são o olfato, a visão e o paladar, que só nos detemos para examinar seu funcionamento nos casos de deficiência ou de privação. No entanto, é essa capacidade de falar o modo como o fazemos que singulariza o homem de todos os outros animais. O estudo dessa faculdade distintiva da espécie humana fica reduzido ao estabelecimento das regras do bem falar. A linguagem é, porém, uma atividade primordial oral. A importância atribuída à língua escrita, importância essa que ocasiona até mesmo uma inversão dos fatos, advém do papel capital que a escrita desempenha nas sociedades complexas e de massa para a coesão política e social e para a comunicação a longa distância. A história dessas sociedades revela, contudo, que o uso difundido e sistemático da escrita é relativamente recente em comparação às centenas de anos em que era privilégio de uns poucos ou aos vários séculos durante os quais nem mesmo existia. Ainda hoje, há povos que nunca desenvolveram um sistema de escrita e as línguas por eles faladas em nada diferem, em essência, das línguas faladas pelas populações letradas.

Ainda de acordo com o autor, a aquisição da linguagem foi um grande passo para a humanidade, pois a comunicação e a expressão cultural viabilizaram o surgimento de uma sociedade racional, da forma como se constitui atualmente.

Boone & Plante (1996) afirmam que a comunicação é um processo de trocas de mensagens entre um emissor e um receptor, que pode ser através de uma linguagem verbal ou não verbal (expressões, gestos e vocalização sem conteúdo lingüístico).

Para Skinner (1957), a linguagem é uma atividade programada e ensinada, trata-se de um comportamento condicionado e aprendido. Na abordagem inatista defendida por Chomsky, a linguagem oral é geneticamente determinada, na qual o indivíduo aprende esta forma de comportamento, porque nasceu com um equipamento básico (neural e estrutural) necessário para expressar a linguagem. Na abordagem biológica de Leneberg, o cérebro é o facilitador da aprendizagem da linguagem auditivo - oral, ou seja, a linguagem trata de uma atividade cerebral. Muitas outras linhas, como a construtivista de Piaget, e a sócio-interacionista de Vygotsky, acreditam que a linguagem ocorre por uma predisposição genética, mas a atividade cerebral por si só não basta para justificar um comportamento lingüístico, este resulta de um desenvolvimento cognitivo e de um conteúdo cultural e social que é decisivo em seu desenvolvimento.

De acordo com os estudos de Rocha (1999), a linguagem é, antes de mais nada, uma mímica motora a qual necessita da produção do som para ser vinculada a outros indivíduos; a linguagem deve ter surgido no momento em que o homem apresentou uma capacidade motora facial, manual e orofaríngea que pudesse ser utilizada para comunicação e representação. Não se sabe ao certo há quanto tempo o homem adquiriu a capacidade de se comunicar através da fala, haja vista que somente a partir da invenção da escrita a humanidade passou a registrar sua história e, conseqüentemente, o desenvolvimento de sua linguagem.

Azcoaga (1981) preconiza que os elementos comunicativos da linguagem resultam de uma atividade biológica. Muitas dessas atividades podem ser ditas inatas, como a mímica facial, por exemplo, sendo a maioria aprendida muito cedo e outras mais tardiamente com o contato social intenso.

Hotz (2000) relata que escavações arqueológicas revelaram que o homem possuía capacidades anatômicas as quais possibilitassem a fala há dois mil anos.

Segundo Jakubovicz & Cupello (1996), o cérebro contém sistemas anatomofuncionais, os quais permitem o desenvolvimento da linguagem, quando são submetidos à influência do meio – ambiente social e lingüístico. Para as referidas autoras, o estudo mais detalhado da fisiologia lingüística no cérebro humano surgiu apenas quando foi possível estimular o córtex eletricamente através de equipamentos computadorizados (tomografia, radioisótopo).

Os questionamentos sobre a participação do cérebro na linguagem surgiram a partir das observações e dos estudos sobre as patologias da fala. Conforme Lent (1994), as lesões no hemisfério esquerdo causavam um devastador distúrbio da capacidade lingüística, levando os pacientes à incapacidade de falar. Este estudo foi confirmado por Paul Broca, em 1961. Ele acreditava no princípio da localização, isto é, o tipo e o grau da afecção é diretamente proporcional ao local e à extensão da lesão sobre a massa encefálica.

Após estudos em material de necrópsia, Broca concluiu que o centro da fala situava-se na terceira circunvolução frontal, atribuindo o termo *afemia* às dificuldades articulatórias em combinar movimentos para a produção de uma determinada palavra, posteriormente denominado de *afasia* por Trosseau.

A finalidade última da linguagem é a comunicação. Um meio de representar, esquematicamente, o mecanismo é imaginar um fone (o falante),

um transmissor (aparelho fonador), um canal (o ar atmosférico), um receptor (o aparelho auditivo) e um alvo (o ouvinte). Um ser humano tem algo a exprimir a outrem e, para tal, entra em funcionamento o seu sistema nervoso, impulsionando o aparelho fonador que opera sobre a informação a ser transmitida e a codifica em determinados padrões de ondas sonoras (a linguagem, o código, a mensagem). Essa operação é denominada codificação. As ondas sonoras emitidas pelo falante são conduzidas pelo atmosférico circundante indo atingir o aparelho fonador do ouvinte, que capta os sons convertendo as ondas sonoras em atividade nervosa que é levada ao cérebro. Essa operação é denominada decodificação. Está fechado o circuito e o processo pode repetir-se passando o ouvinte a falante. No estudo da faculdade de linguagem, costuma-se imaginar um pessoa como fonte e receptora de um falante-ouvinte.

2.3 A produção do som

Segundo Callou e Leite (2000), a produção de som é estudada de três ângulos diversos:

- a) Partindo-se do falante (da fonte), examinando-se o que se passa no aparelho; focalizando-se os efeitos acústicos da onda sonora produzida pela corrente de ar em sua passagem pelo aparelho fonador ou, então, examinando-se a percepção da onda sonora pelo ouvinte, isto é, o estudo das impressões acústicas e de suas interpretações no processo de decodificação.
- b) A técnica mais difundida é a do exame da produção do som pelo aparelho fonador e registro do ouvido. Tal disciplina é denominada fonética articulatória ou fonética fisiológica.

Embora dados proporcionados pela análise acústica sejam mais objetivos, a maior utilização da articulatória se deve à relativa simplicidade com que pode ser aplicada, em contraposição à fonética acústica, a qual exige um aparelhamento mais dispendioso, pouco acessível em países em

desenvolvimento, ao lado de um conhecimento de física, fato pouco comum aos estudiosos da área de letras e linguística. Ademais, mesmo nos estudos em que se focalizam as propriedades físicas da onda sonora, quer na sua produção, quer na sua percepção, os princípios de segmentação e as unidades depreendidas pela fonética articulatória estão presentes, tornando-se indispensável, portanto, seu conhecimento.

c) O ser humano é capaz de produzir um gama variadíssima de sons vocais. Porém nem todos eles são utilizados para fins linguísticos de gerar, num enunciado, uma diferença de sentido por substituição ou por rearranjo.

Ainda segundo as autoras, a designação fonética articulatória tem dois sentidos. No mais amplo, seu propósito é descrever qualquer som produzido pelos seres humanos; no mais restrito, trata de esmiuçar os mecanismos existentes nas línguas humanas para comporem a enunciação.

2.3.1 O aparelho fonador e os mecanismos de produção dos sons

2.3.1.1 A corrente de ar

Para Callou e Leite, os sons utilizados no exercícios da linguagem humana são vibrações com frequência, intensidades e durações características, produzidas por uma coluna de ar em movimento, que, tendo início nos pulmões na fase expiratória do processo de respiração, percorre o chamado aparelho fonador.

A corrente de ar é a força motriz dos sons articulados e está estreitamente ligada ao movimento respiratório. Sem a corrente de ar, não há fonação.

A respiração fônica, adaptação criada pelo sujeito falante por meio da inteligência humana, diferente da vital, que é inerente à natureza animal. Durante a fonação, o ritmo inspiração-expiração é modificado e a respiração é

controlada para adaptar seus efeitos às exigências sonoras. Para a língua portuguesa, o tempo inspiratório deve ser rápido e o expiratório alongado o mais possível.

Em uma breve síntese da análise do trajeto da corrente de ar realizado pelas autoras, para a produção de sons do português brasileiro, temos: a corrente de ar expirada sai dos pulmões devido à redução da capacidade da caixa torácica, passa pelos pulmões devido a redução da capacidade da caixa torácica, passa pelos brônquios, traquéia e atinge a laringe. Aí tomará características de surdez (glote aberta) ou de sonoridade (glote fechada e vibração das cordas vocais). Ao chegar à faringe, devido a movimentos da úvula, ou ressoa apenas na cavidade bucal com a obstrução das fossas nasais (som oral) ou, na cavidade bucal e nasal (som nasal), com a liberação das fossas nasais: dessa forma, sai ou só pela boca, ou pela boca e pela fossas nasais. Conforme alcança o ambiente, para a produção de vogais, a passagem de ar encontrará o canal aberto; para a produção de consoantes, a passagem de ar encontrará um estreitamento/ obstrução e, de acordo com a saída, será modificado por marcas de modos de articulação.

A maior força com que a corrente de ar é expelida para a produção de sons vocálicos produz o acento. O contraste entre sílaba acentuada e inacentuada caracteriza a língua portuguesa como língua de ictos.

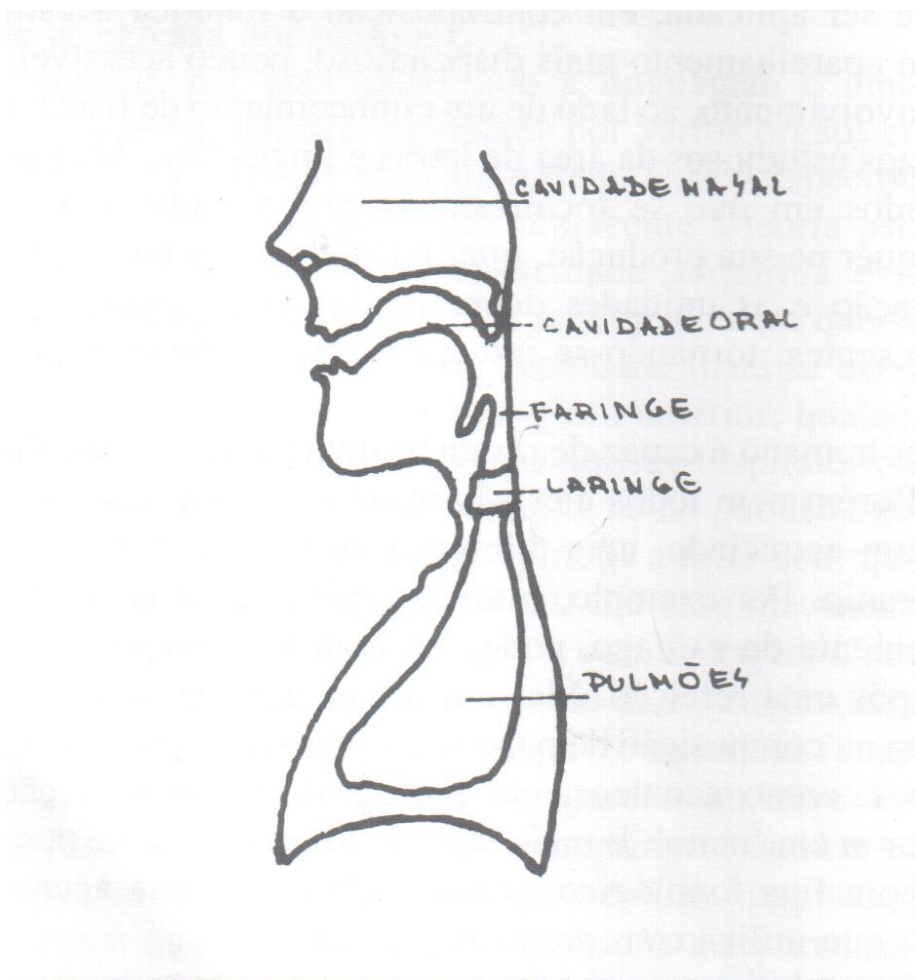


FIGURA 1 (CAVIDADE NASAL, ORAL , FARINGE, LARINGE E PULMÕES)
(cf. Callou e Leite 2000: p.16)

2.3.1.2 A fonação

De acordo com a síntese realizada pelas autoras, é na laringe, anel cartilagenoso situado na parte superior da traquéia, que se encontra o órgão que desempenha papel bastante complexo na produção de sons na linguagem humana: as cordas vocais.

As cordas vocais têm a forma de dois lábios e são constituídas do músculo da tireocricóide e de tecido elástico denominado ligamento. Uma de

suas extremidades está unida às cartilagens aritenóides e a outra, à tireóide. A tireóide é vulgarmente conhecida como pomo-de-adão por ser uma protuberância no pescoço bem visível aos homens. As aritenóides são dotadas de vários movimentos devidos a um intrincado sistema de músculos, movimentos esses que ocasionam posições diversas das cordas vocais e, conseqüentemente, sons diferentes. A abertura triangular existente entre as cordas vocais se denomina glote.

Na respiração em repouso e na produção dos chamados *sons surdos* ou *desvozeados*, as cordas vocais são separadas e a glote está aberta. O ar originado nos pulmões pode passar livremente sem que haja vibrações. Estando a glote fechada e as cordas vocais unidas, o ar tem de forçar sua passagem fazendo-as vibrar. Os sons resultantes são chamados *sonoros* ou *vozeados*. Exemplo de sons surdos, em português, é a pronúncia do primeiro segmento em palavras como ‘cinco’ e ‘chá’ e de sons sonoros, o primeiro segmento em “zinco” e “já”. Pode-se sentir essa diferença colocando-se os dedos levemente sobre o pomo-de-adão e dizendo-se essas palavras prolongando bem o primeiro segmento. Sente-se, assim, nitidamente uma vibração em “zinco” e “já” e sua ausência em “cinco” e “chá”.

É bastante comum o uso distintivo do vozeamento e do desvozeamento das consoantes. Em português, as séries oclusivas “pote, bote; cela, zela; cama, gama” e a fricativa “faca, vaca; cinco, zinco; chá, já; cela, zela” se opõem por esse traço.

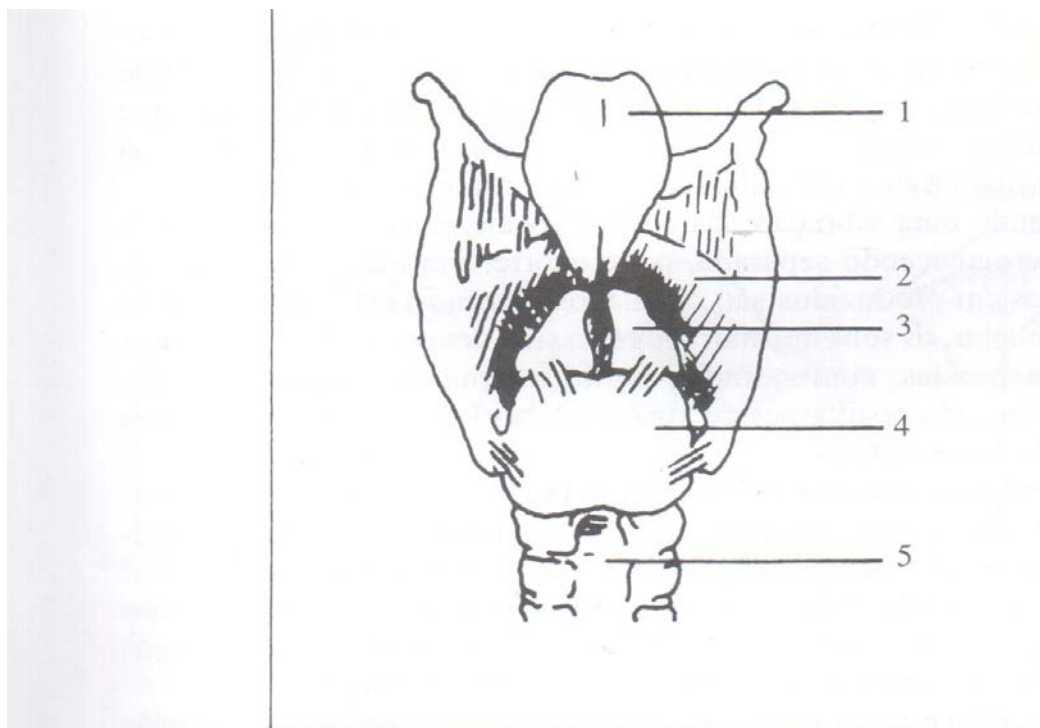


Fig. 3. A laringe vista por trás: 1. epiglote; 2. tireóide; 3. aritenóide; 4. cricóide; e 5. traquéia.

Figura 2- A laringe vista por trás: 1.epiglote, 2.tireóide, 3.aritenóide, 4.cricóide e 5.traquéia
(cf. Callou e Leite 2000: p.19)

Há outras posições das cordas vocais. Nos sons sonoros as cordas vocais estão juntas em toda a sua extensão e a glote está igualmente fechada. Se, porém, devido ao afastamento das aritenóides houver uma pequena abertura na glote, o som resultante não é mais sonoro e sim sussurrado. Em português ocorrem vogais sussurradas em variação com vogais sonoras. Numa palavra como “linguístico” o “i” e “o” após da sílaba tônica podem ser pronunciados com sonoridade ou com sussurro.

Nos *sons aspirados*, as cordas vocais continuam abertas e não há vibração por um período mais prolongado após a soltura da articulação da consoante, os órgãos já estão posicionados para a produção do segmento seguinte. Assim, sons aspirados são consoantes surdas produzidas com a mesma protrusão labial, (deslocação para frente de um órgão), e altura da

língua da vogal que se segue a uma consoante.

Havendo uma vibração das cordas vocais, mas a parte das aritenóides permanecendo separada, pode ocorrer um escape extra de ar. Os sons assim produzidos são chamados murmurados. Devido a esse ar suplementar, os sons murmurados têm sido denominados consoantes sonoras aspiradas, confundindo, assim murmúrio e aspiração, que são resultantes de aberturas da glote diferentes, posições essas não-combináveis. Ainda segundo as autoras, tremulados são sons produzidos pela vibração lenta dos ligamentos das cordas vocais, permanecendo as aritenóides separadas.

O tamanho e a espessura das cordas vocais, juntamente com outros determinantes anatômicos tais como tamanho da língua, forma e altura da palato, comprimento e distância entre a laringe e ao lábios, são responsáveis pela caracterização individual da voz, distinguindo a voz infantil, a masculina e a feminina.

Em síntese, por processo fonatório ou fonação, entende-se os diferentes estados da glote e conseqüente excitação acústica da corrente de ar ao passar pelas cordas vocais, no que se refere à produção da surdez-sonoridade.

Para várias línguas, e entre essas se inclui o português, não há um conhecimento aprofundado do processo fonatório. Essa situação se verifica porque, nesse caso, não se trata apenas de detectar pela audição cuidadosa e imitação, técnicas por excelência da fonética articulatória, o mecanismo de funcionamento. Sonoridade, murmúrio e tremulação são fenômenos que traduzem graus maiores ou menores de fechamento da glote e de tempo de vibração dos ligamentos das cordas vocais. Essas quantidades podem ser medidas de modo não impressionístico por meio de aparelhos. As cordas vocais podem ser filmadas e radiografadas.

2.3.1.3 Consoantes: pontos e modo de articulação

Segundo Callou e Leite (2000) e Silveira (2008), há duas grandes classes de sons: vogais e consoantes.

Consoantes são vibrações aperiódicas ou ruídos ocasionados pela obstrução total ou parcial da corrente de ar devido à ação de dois articuladores, obstrução essa que se traduz numa redução da energia total do espectro acústico. Já as vogais são sons que resultam da passagem livre do ar produzindo vibrações periódicas complexas.

Por modo de articulação, entendem-se os diferentes graus de fechamento da cavidade orofaríngea e as maneiras por que o ar nela modificado escoar pela boca. Pontos ou áreas de articulação são os diferentes lugares em que dois articuladores entram em contato

Um articulador é qualquer parte, na área orofaríngea, que participa na modificação da qualidade do som, por acarretar, em conjunção com outra parte, o aumento ou diminuição dessa cavidade. Os articuladores podem ser ativos, aqueles dotados de movimento (lábios, língua, úvula etc) ou passivos, sem movimento, mas que é o ponto de referência para onde se move o articulador ativo. Articuladores passivos são, dentre outros, a arcada dentária, os alvéolos e a abóbada palatina.

Ainda segundo Callou e Leite (2000), costumava-se dividir a cavidade orofaríngea e a língua em diversas partes que serviram de ponto de referência para o estabelecimento das áreas de articulação. Assim, a articulação dos lábios é chamada labial; e se a língua se dirige para o palato, o som é palatal; se é a úvula que está em funcionamento, o som é uvular etc. Algumas possibilidades bastante comuns de áreas de articulação são apresentadas esquematicamente na figura 3 (áreas de articulação). Assim um som bilabial é aquele articulado com os dois lábios ([p] de pata, [b] de bata, [m] de mata); um som lábio-dental com os dentes superiores e o lábio inferior ([f] em faca, [v] em vaca); um alveolar, com a lâmina da língua e os alvéolos (o [s] em sapo); um som velar, com o dorso da língua e o palato mole([g] de gato). Um som

retroflexo é aquele em que a ponta da língua se curva em direção ao palato duro. Um exemplo desse som é encontrado na pronúncia do caipira do r numa palavra como 'carne'. As diferentes pronúncias do r no português como 'carro' e 'rua' ilustram sons uvulares, faringais e glotais.

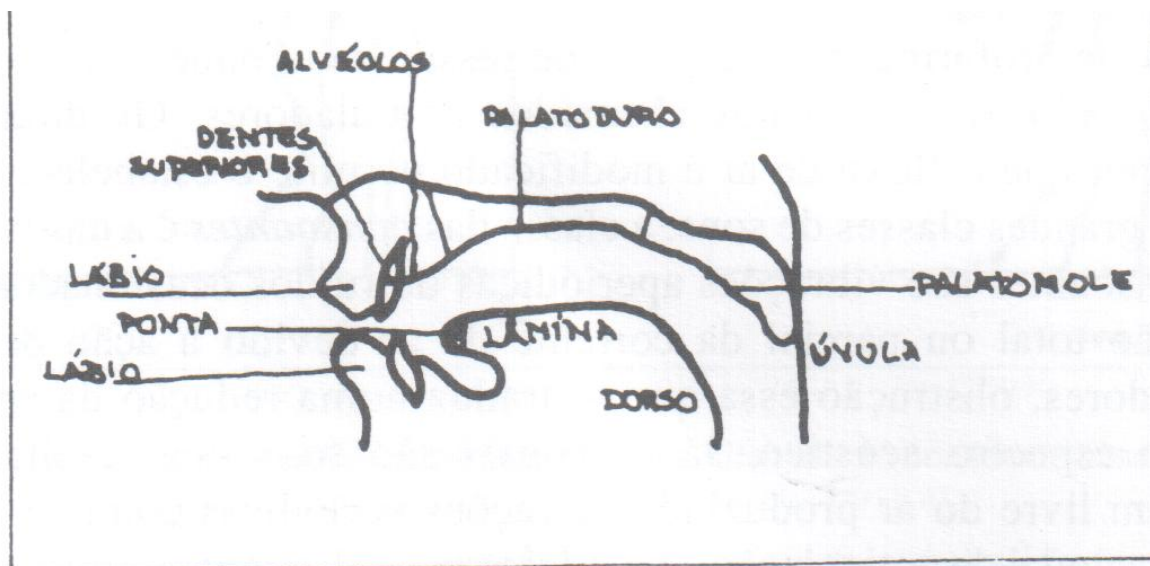


FIGURA 3: Articuladores da cavidade orofaríngea

(cf. Callou e Leite 2000: p.24)

De acordo as autoras, a identificação e descrição dos sons consonantais usam-se não só os tipos de articulação mas também os modos de articulação. Se a obstrução é total, o som resultante denomina-se oclusivo; se o impedimento é parcial e provoca fricção, a consoante é *fricativa*. Consoante africada é aquela que começa como oclusiva e termina como fricativa. O primeiro segmento em 'bata', 'cata', 'gata' é oclusivo; em 'faca', 'vaca', 'zinco', 'cinco' é fricativo. Em 'tia' e 'dia', na pronúncia carioca, têm-se exemplos de sons africados.

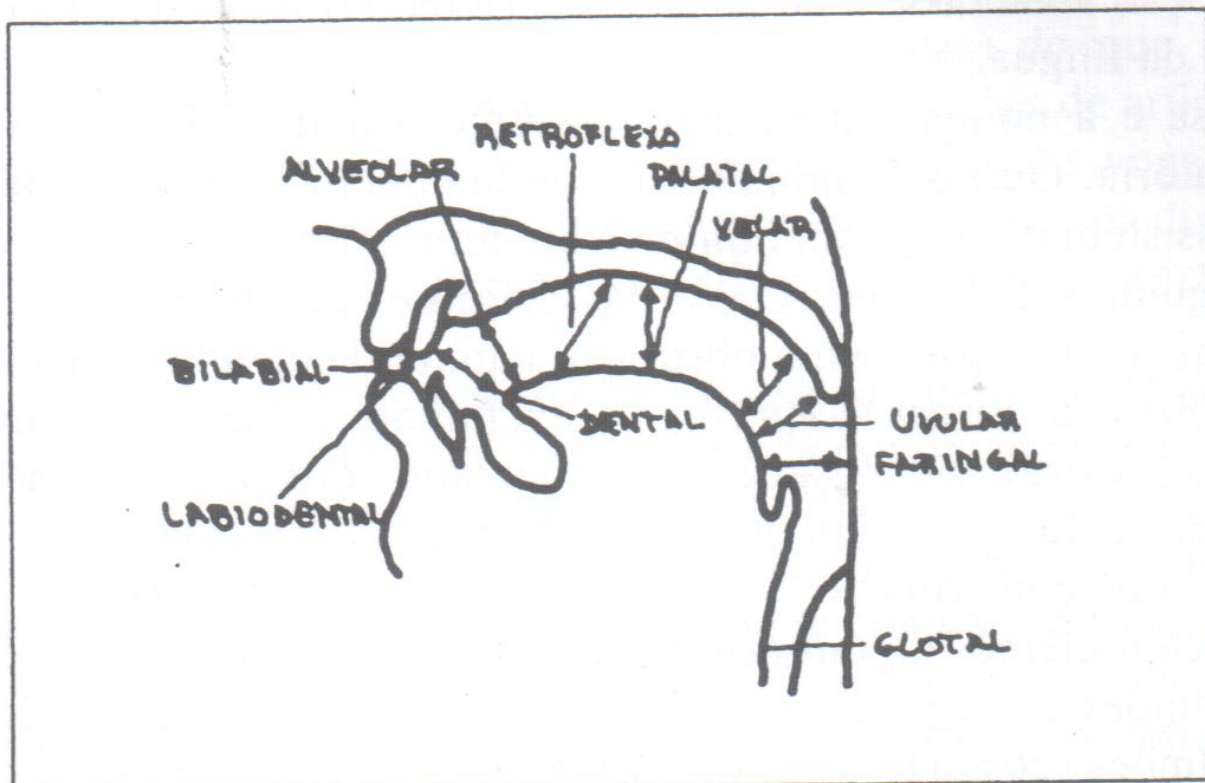


FIGURA 4: Áreas de articulação
(cf. Callou e Leite 2000: p.25)

Aos modos de articulação, podem ser acrescentados às articulações secundárias como labialização, a palatalização, a velarização e a faringalização. Na labialização acrescenta-se o arredondamento dos lábios a uma articulação primária. O primeiro segmento em 'quando' é uma consoante oclusiva velar surda labializada. Na palatalização a articulação primária se faz acompanhar do levantamento da lâmina da língua.

2.3.1.4 Vogais

Segundo Silveira (2008), as vogais são sons produzidos com o estreitamento da cavidade oral devido à aproximação do corpo da língua e do palato sem que haja fricção do ar. As vogais se opõem às consoantes por: 1) serem acusticamente sons periódicos complexos; 2) constituírem núcleo de sílaba e sobre elas poder incidir acento de tom e/ou intensidade.

Na identificação e descrição das vogais, usam-se, como parâmetros, o avanço ou recuo e altura do corpo da língua e a presença ou ausência de protrusão labial. Pela altura da língua, as vogais são classificadas em *altas*, *médias* e *baixas*. Dependendo do grau de abertura entre o maxilar superior e o inferior, as vogais são: muito fechadas, fechadas e abertas, e pela posição do corpo da língua em relação à abóbada palatina em *anteriores*, *centrais* e *posteriores*. A presença de protrusão labial produz vogais *arredondadas* ou labializadas e a sua ausência, vogais não-arredondadas ou retractéis ou não labializadas. Assim o “u” de “rua” é uma vogal posterior, alta, arredondada e o “a” uma vogal central, baixa, não-arredondada.

Costuma-se visualizar as áreas de articulação das vogais representando esquematicamente a cavidade oral como um trapézio, o lado esquerdo simbolizando a parte anterior do tubo bucal com maior amplitude (devido ao movimento das mandíbulas) do que a parte posterior, o que permite um maior número de variações de articulação nas vogais anteriores. Os vértices superiores indicam as vogais altas e os inferiores as vogais baixas. Nas áreas intermediárias, na dimensão horizontal, situam-se as vogais centrais e na dimensão vertical as vogais médias.

2.3.1.5 A nasalidade vocálica

Segundo Silveira (2008), a nasalidade vocálica é construída pelo abaixamento da úvula deixando abertos o canal nasal e o canal oral. A

característica básica da pronúncia standardizada das vogais nasais do português é que todas elas têm uma base articulatória fechada

Seguindo o percurso da corrente de ar, vinda dos pulmões, tem-se: a corrente de ar passa pelos alvéolos, brônquios, traquéia até chegar à glote na laringe. Aí, ocorre a produção da sonoridade, por encontrar as cordas vocais unidas.

A seguir, os desenhos apresentados na figura 5 mostram: a passagem nasofaríngea aberta, na figura A, o que caracteriza a produção da vogal nasal; na figura B focaliza a passagem nasofaríngea fechada, de forma que a corrente de ar é expelida apenas pela cavidade bucal, caracterizando a vogal oral.

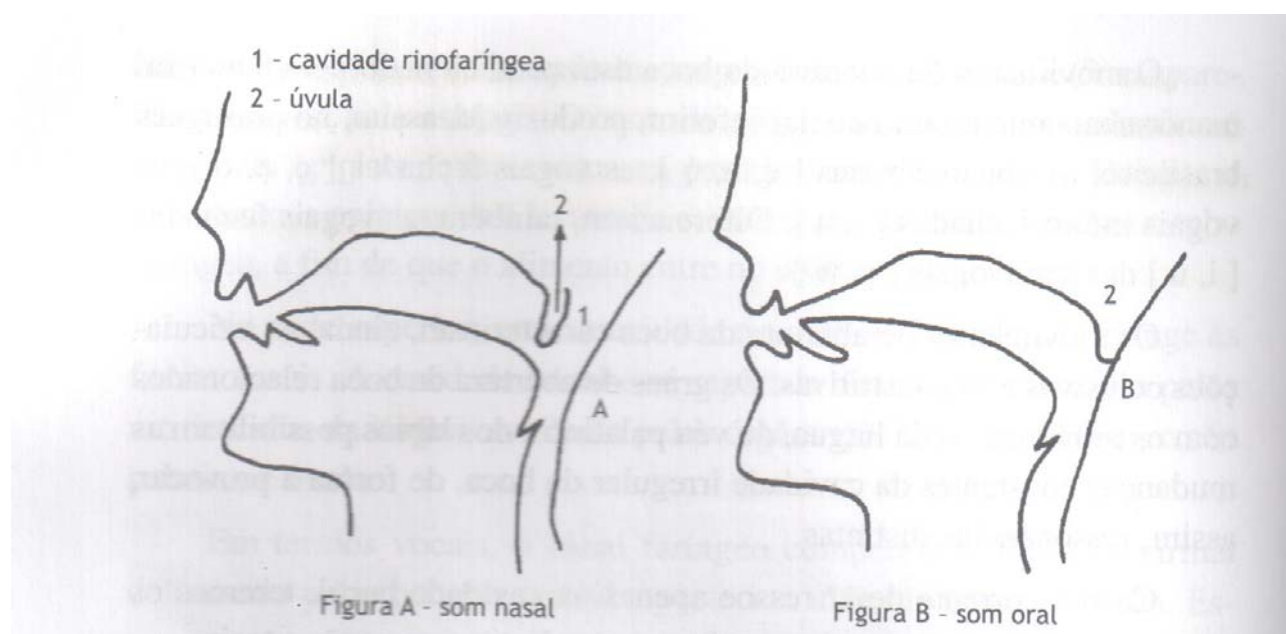


Figura 5 Sons nasais e orais
(cf. Silveira, 2008: pág.62)

O mecanismo da nasalidade apresentado está, também, presente nas consoantes nasais “m, n, nh”.

Em síntese, as vogais do português brasileiro, podem ser assim, apresentadas a partir dos seus traços fonéticos, vistos como base articulatórias

VOGAIS NASAIS E ORAIS					
Grau de abertura	Posição da língua	anteriores	central	posteriores	
Muito fechada	altas	i 		U 	
Fechada	média	ê 		ô 	
Aberta	média	é 		o	
Fechada	baixa	 	 		
Aberta	baixa	 	a		

2.3.1.6 A sílaba

De acordo com Callou e Leite (2000), a sílaba é uma unidade sonora que pode ser definida tanto do ponto de vista articulatório, quanto do da percepção.

Do ponto de vista articulatório, a sílaba, segundo alguns autores, corresponde a um acréscimo da pressão do ar expelido dos pulmões pela atividade de pulsação dos músculos respiratórios que faz com que a saída do fluxo de ar não seja contínua, mas em jatos sucessivos.

Do ponto de vista da percepção, considera-se a cadeia sonora como composta de aclives, ápices e declives de sonoridade, cada sílaba sendo constituída de um ápice, que é o seu núcleo ou centro ocupado por sons de alta sonoridade, por exemplo, as vogais. Os aclives e declives constituem 'vales' de sonoridade que determinam as fronteiras silábicas, suas margens, lugar preferencial das consoantes.

As escalas de sonoridade vem sendo construídas com o objetivo de indicar a maior ou a menor abertura da cavidade orofaríngea, a fim de determinar, quer pelo ângulo articulatório, quer pelo perceptivo, as divisões silábicas dos enunciados. Nessas escalas, o menor grau de sonoridade é atribuído às consoantes de maior fechamento (as oclusivas) e o maior a vogal baixa, média e aberta oral "a".

Há dificuldades quando se trata de delimitar o início de uma sílaba e fim de outra (fronteira silábica).

A noção de sílaba é muito usada para estabelecer a distinção entre as duas grandes classes de sons, consoante e vogal. Assim, diz-se que vogais ocorrem como núcleos silábicos e consoantes como margens. E de acordo com cada língua, nas margens podem ocorrer nenhuma, uma ou mais consoantes. Assim, cada língua tem seus padrões silábicos próprios e permitidos.

Dada à complexidade de uma conceituação unívoca de sílaba, as

análises propostas para as diferentes línguas limitariam o seu uso ao levantamento dos padrões fonêmico permitidos, reservando-lhes nas descrições uma seção especial denominada fonotática.

A sílaba é, porém, a unidade indispensável para os estudos de prosódia e de ritmo. Recentemente estão se intensificando os estudos nessa área, passando-se de uma fonética em que os processos eram vistos como decorrentes principalmente da adjacência de segmentos para uma fonética em que se privilegiam elementos como duração, intensidade e altura (elementos supra-segmentais) e a sílaba como unidades detonadoras de processos fonéticos. Atualmente, também, leva-se em conta não só, a fala lenta e pausada, mas também os diversos ritmos e velocidades.

2.3.1.7 Prosódia

O estudo de prosódia consiste no estudo dos elementos que podem se descritos em termos de movimentos articulatórios que aumentam ou estreitam a cavidade orofaríngea na sua disposição linear no contínuo da fala. No entanto, da fala participam outros elementos que se sobrepõem aos segmentos lineares, elementos esses cuja descrição não se faz em termos dos movimentos dos articuladores, mas, sim, em termos da ação dos músculos respiratórios que aumentam ou diminuem a energia do fluxo do ar, ocasionando durações, frequência fundamental e intensidade diferentes das vibrações sonoras. Duração, frequência fundamental e intensidade são termos acústicos para os correlatos perceptivos de quantidade, altura e volume, aos quais se dá o nome de supra-segmentos.

Não é fácil isolar o mecanismo fisiológico envolvido na produção dos supra-segmentos. Por exemplo, a maior quantidade é devida a um esforço suplementar do ar pulmonar pela ação dos músculos respiratórios e a ajustamento na laringe. Assim, uma sílaba que é mais longa é geralmente também mais alta, quer em seu tom, quer em seu volume, fenômeno complexo a que se denomina acento.

Outra característica dos elementos supra-segmentais é sua relatividade: diz-se que um som é longo em relação a outro menos longo, que um tom alto na fala masculina é sempre mais baixo do que o da fala feminina, por ser a tessitura da voz nos homens mais baixa do que a das mulheres. Além disso, as diferentes vogais têm qualidades prosódicas que lhes são inerentes e que as caracterizam: as vogais de articulação mais altas são sempre menos longas do que as vogais baixas, as vogais silábicas mais longas do que as assilábicas, maior quantidade essa que também se verifica quando a vogal é seguida de uma consoante sonora.

Conforme Callou e Leite (2000), esse conjunto de fenômenos dos quais se derivam tipos de acento, padrões entoacionais, ritmos e velocidades de fala são estudados sob o rótulo de prosódia

Para os falantes do português, é bem conhecido o *acento de intensidade*, que tem um papel distintivo em palavras como “sáb^a”, “sab^a” e “sabiá”. As variações de tom têm uma função distintiva em português no nível da frase, distinguindo, por seus padrões entonacionais, as frases declarativas das frases interrogativas. A quantidade, em português, acompanha, em geral, o acento de intensidade com o qual co-ocorre uma sílaba longa. A quantidade pode, porém, ter uma função expressiva, tal como no alongamento na sílaba *ma* de ‘maravilha’, ou de reforço da quantidade em ‘gol’, dito por locutores de futebol no momento em que um gol é marcado.

Em outras línguas, como o latim e o italiano, é a quantidade que tem função distintiva no nível da palavra. Em latim, vogais longas se opõem as vogais breves. A unidade que se usa para medir a duração dos segmentos e sílabas é a mora. Na métrica latina, uma sílaba longa equivalia a duas breves, isto é, a sílaba longa tem duas moras e a sílaba breve, uma só. Línguas que funcionem usando essa distinção são chamadas línguas de duração.

Recentemente, foneticista e fonólogos têm voltado sua atenção para o estudo do ritmo na fala comum, estudo que esteve mais restrito, por tempos, à

poesia. Nas línguas de ritmo silábico, todas as sílabas têm duração aproximadamente igual. O português e o inglês são línguas basicamente do tipo acentual.

Não podemos confundir ritmo com velocidade de fala e para esta a terminologia empregada é calcada nos andamentos musicais.

Em uns dos trabalhos da escola inglesa de R. Firth, o rótulo da prosódia abrange fenômenos geralmente tratados como segmentais, por poderem afetar mais de um segmento. Tal é o caso da nasalização, labialização, velarização que podem acarretar processos de harmonização. É o que ocorre com a nasalidade vocálica nas línguas tupis que pode retroagir para as sílabas anteriores. Assim a nasalidades pode ser interpretada como um traço prosódico, tal como o acento de intensidade , a duração ou o tom.

Em síntese, este capítulo buscou caracterizar, foneticamente, os traços articulatórios da pronúncia standardizada das vogais nasais do português brasileiro, de forma a situá-la na fonética segmental e supra-segmental. Na organização composicional sonora, as vogais nasais do português correspondem a cinco bases articulatórias;



Em todas essas bases

articulatórias ocorre sempre o fechamento do grau de abertura. Como a vogal nasal é produzida com a cavidade oral e a nasal abertas, segundo Silveira (2008), elas são sempre acentuadas diferenciando-se entre si, por serem acentuadas tônicas e não-tônicas

CAPITULO III

TRAÇOS FONOLÓGICOS DAS VOGAIS NASAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Este capítulo apresenta as comutações dos fonemas vocálicos nasais ocorridos nas pesquisas de Silveira (1986), a Fonologia Portuguesa, e que orientaram apuração dos resultados obtidos. Apresenta, também, os fundamentos básicos para os estudos fonológicos, pois trata das definições de fonema, arquifonema e acentema, já que a língua portuguesa é uma língua de acento, ou seja, de icto ou itensidade.

3.1 O fonema

A raiz histórica da diferença entre fonologia e fonética na lingüística é a base do conceito original de fonema, desenvolvido por volta de 1920. Desde o aparecimento do termo, segundo Callou e Leite (2003), o fonema tem sido encarado sob diversas formas: de início, igualado ao som da linguagem; depois conhecido sob o prisma essencialmente psíquico, como intenção de significado; mais tarde, sob o prisma físico, funcional e abstrato.

Callou e Leite captaram todo o histórico do termo, desde o surgimento até os dias atuais.

O termo fonema já era usado no século XIX, mas se referia a uma unidade de som, isto é, a uma unidade fonética (a que hoje se chamaria fone) e não a uma noção abstrata, que envolve oposição. Em fins daquele século, nos trabalhos de Baudouin de Courtenay (1845-1929), surge, ao lado da noção de som da fala, a noção de fonema, a partir de uma conceituação psicológica. Courtenay via o fonema como um som ideal que o falante almejava alcançar no exercício da fala, na qual realizava sons próximos a esse protótipo idealizado. Segundo ele, o fonema era o equivalente psíquico do som da fala.

O conceito de fonema, porém, só foi formulado com maior precisão a partir de 1930 nos trabalhos do Círculo Linguístico de Praga. A noção tal como usada hoje em dia já estava implícita em Saussure, em sua dicotomia *langue e parole* (língua e fala). O

fonema é uma unidade da *língua* e sons ou fones são unidades da *fala*. Até aquela data, é, muitas vezes, difícil saber quando os autores se referem ao fonema (na sua concepção atual) ou a um som da linguagem. O primeiro passo para sua conceituação foi dado por Saussure (1857-1913) ao fazer a distinção entre estudo sincrônico e o estudo diacrônico das línguas. Antes, à fonética competia a descrição dos sons das línguas e à fonologia o estudo histórico da mudança.

A noção atual do termo fonema estava latente, portanto, na distinção *langue-parole* de Saussure e a idéia do contraste fonêmico estava presente nos trabalhos iniciais de Sapir (1834-1939). Saussure não chegou a formular sua conceituação, mas tinha uma ideia bastante clara de que os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas que Saussure aplicava a todas as unidades linguísticas. Os fonemas se caracterizam não por uma qualidade particular positiva de cada um, mas simplesmente, pelo fato de que não se confundem uns com os outros.

O primeiro tratamento de profundidade dado ao conceito de fonema encontra-se nos trabalhos dos linguístas do Círculo Linguístico de Praga. Para Troubetzkoy (1890-1938), o fonema passou a ter uma conceituação funcional abstrata, a unidade mínima distintiva do sistema de som, e como uma unidade funcional que deve ser definido. O fonema é então a menor unidade fonológica da língua.

Bloomfield (1933) definiu o fonema como unidade mínima de traço fônico distintivo, indivisível.

Foi o conceito de fonema como elemento mínimo do sistema da língua que permitiu à lingüística moderna um enorme avanço metodológico, pois lhe ofereceu uma unidade discreta, isto é, segmentável, de análise. As técnicas seguidas para o estabelecimento dos fonemas foram estendidas aos demais níveis de descrição gramatical.

Roman Jakobson (1896-1982) veio a ter um papel decisivo dentro dos estudos fonológicos, contribuindo para reformular o conceito de unidade mínima, indivisível, do fonema como unidade não suscetível de dissociar-se em unidades inferiores ou mais simples- os traços fônicos.

Foi ele (1967) quem definiu o fonema como um “feixe de traços distintivos”, com

base na ideia de que o fonema era divisível em unidades menores. A partir disso, o fonema passou a ser visto pelos seguidores da escola de Praga como a soma das particularidades fonologicamente pertinentes que uma unidade fônica comporta. Nesse novo conceito de fonema, em termos mais abstratos e menos físicos, salientava-se o papel funcional que o elemento fônico desempenha na língua. Com essa conceituação estruturalista do fonema, atingia-se o plano abstrato e a superação do plano natural.

Especialmente preocupado em determinar o valor do fonema, Jakobson situa esse valor na função que tem de distinguir entre si os elementos lexicais- enquanto estes apresentavam uma significação própria e constante, aquele não apresenta uma significação própria positiva.

A visão abstrata do fonema é defendida com maior vigor na escola conhecida como glossemática, criada pelo dinamarquês Hjelmslev (1899- 1965). Na glossemática, onde não se leva em consideração a substância fônica, a definição de fonema tem de ser diversa e mesmo a palavra fonema é substituída por cenema, mais neutra no que se refere à substância. Para Hjelmslev (1943) são figuras do plano de expressão, 'unidades vazias', sem conteúdo correspondente. A cenemática designaria a ciência que trata dos cenemas como elementos de língua. Uma das vantagens da preferência pelo termo cenema, para o lingüista dinamarquês residiria o fato de aquele ser formado sobre a raiz grega de kenós, "vazio" o que caracterizaria melhor o aspecto não substancial da unidade.

O fonema é um som que, dentro de um sistema fônico determinado, tem um valor diferenciador entre dois vocábulos. A realização fônica em si vai interessar à fonética, à fonologia interessa a oposição dos sons dentro de um contexto de uma língua dada.

Nossa percepção da fala sofre influência do sistema fonológico. Um falante do português sabe produzir o som [p] e sabe que este som ocorre em palavras como "pata", "pingo" etc. Da mesma forma conhece o som [b] em palavras como 'bata', 'bingo' etc. Os segmentos fônicos [p] e [b] ocorrem, portanto, em português e a diferença entre eles constitui uma diferença fonológica, pois corresponde a uma diferença no significado das palavras pata: bata, pingo: bingó. Esses dois sons possuem características comuns e opõem-se apenas pelo fato de um ser sonoro [b] e o outro surdo [p]. Não é verdade, porém, que a mesma unidade fonológica se manifeste sempre como a mesma unidade

fonética. A língua é, como sabemos, um sistema de identidades e distingue-se por suas diferenças. A gramática de uma língua informa quais as unidades fonológicas, distintivas de uma língua, quais os traços fonéticos são fonológicos e quais são não-fonológicos ou predizíveis. À fonologia interessam apenas os traços distintivos enquanto à fonética interessam todos os traços.

Além da função opositiva, que diferencia palavras, assinala Trubetzkoy uma outra função, delimitativa ou demarcativa, que o fonema pode ter dentro da cadeia fônica. A debilidade máxima da sílaba átona final e a mínima da sílaba átona inicial concorrem para a delimitação de vocábulo, por exemplo em de leite: deleite; de vida: dívida; contra pôr: contrapor; de sabores: dissabores; só sobraram: soçobraram.

Ainda continua o autor que a delimitação se faz a partir da tonicidade do monossílabo e a atonicidade da sílaba inicial. Vale lembrar, a esta altura, que numa análise fonética elementar podemos distinguir sílabas acentuadas (tônicas) e inacentuadas (átonas). O acentoônico em português tem valor fonêmico – oposição significativa a partir da sua posição – e pode ser denominado fonema supra-segmental, e é expresso foneticamente não só pelo aumento da intensidade como também pela duração e por uma variação da altura melódica (som). A posição da sílaba tônica no vocábulo é variável (última, penúltima e antepenúltima) e é pela variabilidade de sua posição que o acentoônico tem valor fonêmico, isto é, distintivo. . Em ‘sabiá’, ‘sabia’, ‘sábua’ o único traço a diferir os vocábulos é o acentoônico. Em relação às sílabas átonas, é possível a apreensão de graus variáveis de atonicidade a partir de sua posição no sintagma: pretônica (inicial de vocábulo ou não), postônica (final ou não-final). São estes graus (máximo, médio, mínimo) de atonicidade que concorrem para a delimitação do vocábulo dentro de uma cadeia fônica, como assinalamos há pouco.

Os traços prosódicos ou supra-segmentais, como a duração, o tom, a intensidade, têm também funções expressivas e, portanto, devem ser levados em conta numa descrição fonológica. Um outro elemento prosódico que deve ser considerado é a pausa que, na escrita, é representada pelos sinais de pontuação. A pausa pode ter uma função distintiva ou apenas expressiva.

3.2 Os traços distintivos

A. Martinet (1908-1999), (apud Callou e Leite, 2003) define o traço distintivo ou pertinente como aquele traço fônico que, sozinho, permite distinguir signo, uma palavra ou um enunciado de outro signo, palavra ou enunciado. Para Callou e Leite, em fonologia, os traços distintivos, também chamados funcionais, pertinentes ou relevantes, referem-se a unidades mínimas, contrastivas, e são aqueles que para alguns linguístas, especialmente os seguidores da escola de Praga, irão distinguir entre si os elementos lexicais. O caráter infinito das possibilidades humanas de articulação e o fato admitido de que um mesmo indivíduo não realiza nunca, duas vezes seguidas, o mesmo som de maneira idêntica, não impendem que se identifique sempre determinado som de uma língua, cada vez que é ouvido, como sendo o mesmo som e não o outro. Para aqueles linguístas o que torna essa identificação possível é o chamado traço distintivo, que pode ser definido, por seus componentes articulatórios e/ou acústicos.

Segundo Silveira (1986), os traços distintivos propostos por Jakobson, são formados por traços intrínsecos e traços prosódicos e são organizados pelo princípio binário. Assim a autora conclui que nenhuma língua tem o mesmo número de fonemas igual às combinações dos traços distintivos possíveis.

De acordo com Callou e Leite (2003), o fonema pode ser realizado por vários traços de sons. A presença ou ausência de certos traços opõe, por sua vez, o fonema a todos os demais fonemas da língua. São esses traços que constituem as unidades mínimas e indivisíveis. Sabe-se que nem todas as particularidades fônicas do fonema são relevantes ou (pertinentes), isto é, desempenham função linguística dentro do sistema - cada fonema se caracteriza por algumas de suas particularidades fônicas em oposição ao outro. Muitos sons diferentes podem ter a mesma função de distinguir palavras. O linguísta irá considerá-los variantes não distintivas de uma única unidade estrutural, o fonema. Os fonemas, por sua vez, podem ser organizados em sistemas maiores, tais como um sistema de vocábulos e um sistema de fonemas consonânticos. São os traços articulatórios ou acústicos pertinentes – aqueles que servem para caracterizar um fonema em face de outro que tem com ele traços comuns – que importa para o linguísta. É a partir desses traços que se organizam os sistemas fonológicos das línguas. Nem todos os sistemas são iguais, eles apresentam divergências de língua para

língua, seja pelo número diferente de fonemas, seja pela distribuição desses fonemas no sistema.

As mesmas autoras esquematizam oposições de traços distintivos. Uma diferença mínima entre duas unidades da língua constitui um traço distintivo. Mediante um ou outro traço distintivo, uma unidade linguística opõe-se a outros elementos. Tomando por base o sistema fonológico da língua portuguesa, a consoante [b] funciona como sonora – e não surda – em relação ao [p], como não nasal em relação ao [m], como não – contínua em relação ao [v]. A articulação labial é comum aos três segmentos fônicos, a sonoridade e a articulação labial a [b] e [m] e a não- nasalidade a [p] e [b]. A oralidade, a labialidade e a sonoridade são comuns a [b] e [v]. Certos elementos constantes numa unidade não implicam uma oposição: diante de [i], as consoantes [t] e [d] apresentam frequentemente palatalização sem que nenhum par de palavras da língua portuguesa se oponha porque essa palatalização existe ou não: o significado da palavra será sempre o mesmo, independente da forma como é pronunciado. Aos elementos que, ao menos em certos contextos, são constantes embora não constituam uma oposição, chamamos de redundantes: não são funcionais e têm apenas uma função auxiliar. Duas unidades são opostas entre si quando possuem um traço ou traços comuns e outro diferente. O traço de sonoridade que distingue as consoantes [b] e [p] distingue também [t] e [d], [f] e [v] etc. O elemento, marcado, tem valor positivo ao passo que o outro será sempre negativo: ([b] é [+ sonora] e [p] é [-sonora], o que equivale a dizer que o primeiro é sonoro e o segundo surdo, sem a vibração das cordas vocais.

As autoras ainda afirmam que os traços têm de abranger todos os contrastes necessários dentro de uma língua, já que devem diferenciar fonemas. Com referência a traços que indicam características opostas, podemos empregar um sistema binário. O sistema classificatório tradicional, em que há três altura para as vogais (alta, média, baixa) ou vários pontos de articulação para a consoante (bilabial, labiodental, linguodental) é uma classificação não-binária. Num sistema binário, ao invés de dois rótulos separados, como por exemplo, *surdo* e *sonoro*, podemos estabelecer um traço distintivo *sonoro*, antepondo um sinal positivo(+) ou negativo(-) para mostrar se o atributo se faz presente ou não. Os traços distintivos são binários apenas no nível fonêmico classificatório ou sistemático, não necessariamente no nível fonético. Neste diferentes graus de sonoridade, nasalidade, aspiração etc. podem ser expressos por meio de dígitos. Qualquer sistema linguístico pode ser descrito em termos dos valores

(+) ou (-). Dois segmentos são distintivos se os valores (+) ou (-) se contrapõem apenas por um dos traços, já que certas características físicas são decisivas para a identificação de unidades e outras não o são. Os traços têm sua base na fonética. Podem ser articulatórios (+ ou – alto, + ou – soante etc.), perceptual (+ ou – silábico, + ou – acento), acústico (+ ou – compacto). Estabelecer um conjunto de traços suficientes e necessários para dar conta dos contrastes e processos é uma das tarefas da fonologia.

Para Callou e Leite (fazem citações) sobre os mais difundidos nos trabalhos sobre o português são os de Jakobson, Fant & Halle (1952) e os de Chomsky & Halle (1968). Ainda afirmam as autoras, este dois sistemas diferem em seus objetivos e em seus pontos de partida. Os de Jakobson, Fant & Halle parte da caracterização acústica dos sons e visam a fornecer um número mínimo de traços capazes de distinguir todos os contrastes existentes nas línguas. Já o de Chomsky & Halle tem uma base articulatória e foi construído não apenas para dar conta de todas as oposições, mas também formular as regras fonológicas de forma a mostrar a naturalidade dos processos gerais comum aos diferentes níveis. Martinet (1968) critica o sistema de traços distintivos de Jakobson-Fant-Halle por considerá-lo apriorístico, um sistema preestabelecido para qual seus autores postularam uma validade geral. Admite aquele linguísta a necessidade de definir as oposições em termos da substância sonora, mas não aceita a validade geral do princípio da eleição binária.

As autoras terminam o assunto afirmando que a gramática gerativa contestou o arcabouço organizacional da gramática estruturalista. Para os estruturalistas, a gramática de uma língua se constituiria em diversos níveis de descrição. O nível fonológico seria distinto morfofonêmico e morfológico. Segundo os gerativistas, esta concepção de gramática – na qual o fonema representa um papel capital – só servia para atomizar a descrição do processo. A gramática gerativa passou a operar com os traços, abandonando o fonema como unidade necessária. Não se chegou a um acordo satisfatório sobre as propriedades formais da teoria fonológica, se a análise em termos de traços distintivos é por demais complexa, ou se pressupõem sempre os fonemas como unidades. Ainda parece útil para alguns admitir um conjunto de abstrações subjacentes – fonemas, ou algo semelhante – que podem manifestar-se de diversas formas sob certas condições. Halle (1964) dizia textualmente que o *status* do fonema da linguística é análogo ao dos elétrons da física, e, assim como não se considera serem estes ficções, não há motivo para se aplicar o termo aos fonemas. Eles são tão reais

quanto qualquer outra unidade teórica na ciência. Nos estudos fonológicos, nesses últimos anos, novas teorias foram surgindo. À fonologia estrutural e à fonologia gerativa seguem-se a fonologia natural, a fonologia gerativa natural, a fonologia auto-segmental etc., sempre visando a solucionar e/ou simplificar problemas de descrição levantados por cada uma dessas ao longo do tempo. O trabalho atual em fonologia está demonstrando que a riqueza dos sistemas fonológicos não consiste nos arranjos estruturais de fonemas, mas antes nos intrincados sistemas de regras pelas quais esses arranjos são formados, modificados e elaborados.

3.3 O arquifonema

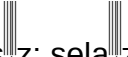
Pode-se conceituar arquifonema como sendo a realização não marcada resultante da neutralização. Quando ocorrem os casos de neutralização, a realização acústica já não corresponde a um dos fonemas intercambiáveis, mas a um arquifonema que compreende ambos.

Assim nos trabalhos de Callou e Leite (2003), há várias definições de fonema. E as autoras afirmam: O que importa é que todas elas o vêem como entidade abstrata que se manifesta através dos elementos fônicos. Se eliminarmos os detalhes fonéticos, que não têm papel distintivo na língua, poderemos representar os segmentos fônicos através de uma escrita fonêmica. O fonema individualiza-se e ganha realidade pelo seu contraste com outros feixes em idênticos (ou análogos) ambientes fonéticos. A operação de comutação, usada para apreender os fonemas de uma língua determinada, consiste em substituir num vocábulo uma parte fônica por outra de maneira a obter um outro vocábulo da língua: “pala, bala; mala, sala; fala, vala”. Cada língua tem os seus próprios fonemas, que são elementos fônicos dotados de função representativa no sistema. As autoras concluem dizendo que nem todas as particularidades fônicas do fonema são relevantes ou pertinentes, isto é, têm função distintiva. Cada fonema se caracteriza por algumas de suas particularidades fônicas em oposição a outro. Se examinarmos os vocábulos pala, bala, tua, sua, cinco, zinco, podemos concluir que segmentos que se diferenciam por apenas um traço podem representar dois fonemas distintos.

Silveira (1986) apresenta a noção de arquifonema, considerando a Escola de

Praga com N. Troubetzkoy e a Escola da Dinamarca com L. Hjelmslev.

Para a Escola de Praga, o arquifonema ocorre na fala e é resultado da neutralização de traços distintivos do sistema fonológico, devido à realização do fonema por uma variante sonora. Por exemplo: “pois é” – [póyzé]; trata-se da perda da oposição

 s/z: sela/zela.

Na Escola da Dinamarca, com Hjelmslev (1943), o ponto de partida é a noção de texto, ou seja, uma sintagmática (e...e) que se estende em todas as direções e em todos os sentidos. Para o autor, no nível fonológico, a sílaba (central  marginais) é a suma sitagmática. Para a descrição dos fonemas, é necessário verificar quais fonemas ocupam quais posições da sílaba. O conjunto de fonemas que ocupam a mesma posição na sílaba, é que são descritos por seus traços de oposição. No caso de em um determinado nódulo um fonema se opor a outro, são dois fonemas distintos; porém, se em um outro nódulo não ocorrer essa oposição, há arquifonema.

M	M	M	C	M	M
ia	ii	ir			
L	L				
LH					

“lama/lhama
alo/alho”

Dessa forma, a oposição “l/lh” existente para M_{ia} está neutralizada em M_{ii} só ocorre

que é escrito com letra maiúscula, por ser um arquifonema. Dessa

Forma, os encontros consonantais da língua portuguesa são formados com  


r/rh

Em síntese, a variação lingüística fonética decorre da realização sonora de arquifonemas do sistema e não de variantes livres e combinatórias do contexto fônico.

3.4 A questão da variação sonora

Callou e Leite (2000) afirmam que as variantes ou alofones podem ser de vários tipos: posicionais ou combinatórias são as que mais interessam aos foneticistas, pois decorrem do próprio contexto fônico em que ele é realizado, ou seja na fala. Por exemplo, os fonemas /t/ e /d/ apresentam em certos dialetos do português uma realização palatal diante de /i/ (tira, ditado, limite) e uma realização alveolar ou dental diante das outras vogais (tua/tela/docas/dado). O tipo de variação que os linguístas chamavam, tradicionalmente, *variação livre*, era explicado como decorrente de características individuais do falante, independente de qualquer fator condicionante. As autoras citam Labov (1969) como sendo um grande pesquisador do assunto e esclarecem “o autor veio demonstrar que a variação aparentemente livre é sempre determinada por fatores extra e intra-lingüísticos de forma predizível e existe até no nível do idioleto. Nenhum indivíduo que estude o assunto terá condições de predizer em que ocasião uma pessoa falará desta ou daquela maneira [ká  u] ou [ká  u] (carro), por exemplo, mas poderá mostrar que, dependendo da classe social a que pertença, do sexo, da idade etc.,ele usará uma outra variante, aproximadamente x por cento em média num dada situação”.

3.5 Processos fonológicos

A língua é dinâmica por sua própria natureza e está sujeita a modificações. Em qualquer momento, quando se combinam elementos para formar palavras ou frases ocorre uma série de modificações, determinadas por fatores fonéticos, morfológicos e sintáticos.

Callou e Leite (2000) consideram tanto os processos fônicos que ocorrem nas palavras isoladamente, quanto as modificações que sofrem as palavras por influência de outras com que estão em contato na frase; afirmam ainda que as modificações sofridas

pelos segmentos no eixo sintagmático podem alterar ou acrescentar traços, eliminar ou inserir segmentos. Algumas dessas alterações ocorrem sistematicamente e atuam sobre o nível fonológico da língua, outras afetam apenas o nível fonético, ocorrendo assistematicamente.

Pode-se observar o funcionamento desses processos fonológicos (e/ou fonéticos) do português no momento sincrônico, assim como é possível encontrar exemplos na evolução do latim para português.

Os processos que produziram mudanças históricas são os mesmos que estamos testemunhando a cada momento hoje. O comportamento fonológico não é amorfo, mas ao contrário, o aspecto mais estruturado da língua. Pode-se agrupar esses processos fonológicos em:

a) processos que acrescentam traços ou mudam a especificação dos traços (o processo de assimilação é um dos mais conhecidos e é também responsável por um grande número de alterações fônicas).

Podem-se citar os processos de nasalização e palatalização que fazem com que, por exemplo, uma vogal se torne nasalizada diante de uma consoante nasal (cama, tônica) ou uma consoante se realize como palatal quando diante de vogal anterior palatal (tira, diabo) etc.

Os processos conhecidos como harmonização vocálica e metafonía também se incluem neste item.

No primeiro caso, ocorre uma ação assimilatória da vogal tônica sobre a pré-tônica (m[i]nino, f[i]Liz, f[u]rmiga, c[u]stume).

No segundo, ação assimilatória da átona sobre a tônica. A metafonía é o processo diacrônico que irá explicar a passagem de metu a m[e]du; sincronicamente, plurais como formosos, comp[o]stos que a norma culta rejeita explicam-se também por extensão da regra de metafonía;

b) processos que inserem segmentos (por exemplo, a ditongação, a epêntese etc., que

irão explicar o aparecimento de uma semivogal em rapa[y]z e de uma vogal em ab[i]soluta, ad[i]vogado, respectivamente);

c) processos que apagam segmentos (pronúncias como o[kl]os, xi[kr]a, ‘peraí’ por ‘espera aí’, tradicionalmente denominamos síncope, aférese, apócope, a depender da posição em que se encontre a vogal).

Esses três grupos de processos abarcam numerosos exemplos de mudanças e atuam sobre a estrutura da sílaba. Podem ocorrer alterações na distribuição de vogais e consoantes, mudanças da classe principal, enfraquecimento ou reforço, sempre segundo a posição do segmento no vocábulo ou no sintagma.

3.6 Algumas considerações para uma descrição fonológica

Os fonemas combinam-se na sintagmática, a partir de regras ou leis combinatórias que resultam do que é mais eufônico para a comunidade linguística. Trata-se, neste item, da sintaxe fonológica portuguesa, delimitando para este estudo: a ordem, a disposição dos fonemas na soma sintagmática, a sílaba; a ordem, a disposição das sílabas na organização dos significantes de signos, sejam elas nos signos mínimos ou nas derivações e flexões; a ordem, a disposição das sílabas a partir do acentema, pois o português é uma língua de ícto. Assim, busca-se descrever tipos de relações entre os fonemas de língua portuguesa, a partir do acordo social.

3.7 A soma sintagmática

Entende-se por soma sintagmática a menor combinatória no eixo sintagmático, um modelo mental, e que, também, ao ser manifestado, é designado “sílaba” pelos gramáticos brasileiros do uso-padrão normativo. Esta combinatória pode ser descrita por suas partes: central e marginal.

Porém, quando se trata das marginais, tem-se as que antecedem a central e por isso são designadas marginais iniciais (**MI**) e as que se relacionam após a central, as quais são designadas marginais finais (**MF**).

Silveira (1986) apresenta a suma sintagmática da língua portuguesa como uma combinatória invariável que subjaz a estes tipos silábicos de manifestação:

M M M C M M

As marginais iniciais, por serem em número três, são diferenciadas em: marginal inicial absoluta (**MIA**), marginal inicial intermediária (**MII**) e marginal inicial relativa (**MIR**), assim:

M	M	M	C	M	M
ia	ii	ir			

As marginais finais, por serem em número de duas, serão distintas em: marginal final absoluta (**MFA**) e marginal final relativa (**MFR**); assim:

M	M	M	C	M	M
ia	ii	ir		fr	fa

Cada uma dessas partes tem um paradigma específico de fonemas, que estão em oposição exclusiva.

Os significantes de signos do português são organizados com números diferentes de sílabas, a saber segundo a terminologia gramatical.

monossílabos: /n  / - “não”

dissílabos: /m  t  / - “manta”

trissílabos: /l  paba/ - “lâmpada

polissílabos: /karãgl   yra/ - “caranguejeira”

3.8 O acentema

O sistema fonológico do português é caracterizado pelo icto, portanto, o acento tem a função produtiva, distinguindo signos pelo contraste, como em:

|||sábya, sabía, sabyá||| “sábíia, sabíia sabííia”

É necessário observar que a oposição exclusiva ocorre em um mesmo nóculo silábico, enquanto o contraste é sintagmático, embora ambas sejam produtivas e distingam signos.

O traço distintivo é o contraste: maior intensidade/menor intensidade para acentuada /inacentuada.

As línguas caracterizadas pelo acentema podem ser classificadas por tipos: acento livre e acento preso.

O português é uma língua de acento livre, apesar de a preferência de nossos falantes |||ouvintes ser pela penúltima sílaba (paroxíttona).

É interessante observar, conforme Silveira (1986), que os gramáticos brasileiros seguem a tradição grega para designar a posição que cai o acento na palavra. O grego era uma língua tonal e, mantendo a tradição de suas gramáticas, os gramáticos de língua portuguesa mantêm o termo *tom* para designar o icto em apenas três posições. Nossa gramática do uso-padrão, por seguir tradição grega e também por estar com atenção voltada para as letras, designa impropriamente o acentema por “tom” e diferencia apenas três posições: oxíttona, paroxíttona e proparoxíttona.

Por haver função contrastiva, Paul Garde (1965) designa esta função por acentema, termo que será mantido nesta dissertação

Numa breve análise do acentema, pode-se verificar que, em português, há função contrastiva, em:

*kákl/ kakí – “cáqui, caqui”

“cáqui”- cor de barro

“caqui” – fruto do caquizeiro

O acentema também tem valor morfofonológico, distinguindo formas lingüísticas, como em:

d  /dl – “dê” (verbo “dar”), “de” (preposição)

*valor morfo-fonológico, distinguindo signo de base, de signo derivados, já que nestes mantém-se duas posições acentuadas, a da base e a do morfema de derivação seja mais intensa, como em:

pR  pRyam  tl/ pR  pRyam  tl – “propriamente” (adjetivo e substantivo),
juntura externa; “propriamente “ (advérbio), juntura interna.

Em casos como este, em que se mantém dois acentos, é necessário considerar ainda que, pelo acento, no contínuo fônico, são segmentados signos a partir de junturas internas e externas.

Em síntese, a função contrastiva é produtiva em nível lexical, morfológico e morfo-fonológico.

O acentema, em português, rege paradigmas distintos para o inventário fonológico da parte central da sílaba. No inventário dos fonemas vocálicos marcados pelo

acentema, temos doze fonemas: /í, , , á, , , ú, , , ã, õ, /.

No inventário dos fonemas vocálicos não marcados pelo acentema, temos seis

unidades: / l, a, U, , , ã, /.

3.9 Base signica, derivação e flexão

Faz-se necessário diferenciar os signos em português pelo critério da derivação, pois esta ocasiona mudança quanto à posição do acento, já que os usuários dão preferência para a chamada paroxítona.

Há signos que são designados por signo mínimo, ou base sígnica, quando seu significante não pode ser reduzido, por se tratar de um morfema de base. Outros, por mudarem sua base morfológica, serão designados signos derivados.

Em geral, a derivação ocorre em morfemas lexicais.

Pode-se dizer que os signos mínimos são os que designam seres, características, ações e acontecimentos do universo referencial. Ex.:/kãtáR/ - “cantar”

Os signos derivados são transformados da base sígnica. Assim, tem-se:

/kãtáR/ - /k  tU, kãs , kãtUría, kãt  tl, kãt  R/ - “cantar – canto, canção, cantoria, cantante, cantor”

Os signos nominais e verbais apresentam-se também modificados pelas flexões correspondentes. Ex.:

/kãtáR/ - /kãt  w, kãtar  yS, kãtárã, kãtar  / - cantar- cantou, cantarías, cantaram, cantarão”.

3.10 O inventário fonológico da central silábica com marca da nasalidade

O contraste maior intensidade/menor intensidade determina paradigmas distintos para a central silábica.

O inventário fonológico da central marcada pelo acentema é de doze fonemas, sendo 7 não marcados pela nasalidade e 5 com a marca da nasalidade.

Em relação aos que possuem a marca da nasalidade, são estes:/ , , ã , õ ,

 /

Pode-se visualizar o inventário fonológico da central marcada pela nasalidade, pelas seguintes oposições exclusivas de central silábica tônica:

M M M C M M



O inventário fonológico da central silábica inacentuada, segundo Silveira (1986) é:

M M M C M M



Ã



Esses fonemas com a marca de nasalidade, ao serem realizados no ato da fala,

poderão ter realizações normativas (realizações freqüentes) ou não (livres realizações)

O inventário fonológico da central silábica marcada pela nasalidade, apresenta-se da seguinte forma:

- a) sílabas marcadas pela nasalidade em posição sintagmática anterior à acentuada, que nossos gramáticos designam pré-tônica ou ante-tônica; b) sílabas marcadas pela nasalidade que se encontram na relação sintática em posição posterior à sílaba acentuada, também designadas, pelos gramáticos, pós-tônicas.
- c) sílabas marcadas pela nasalidade que se encontram na mesma posição em relação às sílabas acentuadas.

A descrição fonológica das vogais nasais do português, Segundo Silveira (1986), faz-se necessário diferenciar o inventário fonológico da central acentuada do da inacentuada.

3.10.1 O inventário fonológico da central pré-tônica nasal

O arquifonema /  /

É possível encontrar as seguintes comutações:

*  /  , pela mudança de zona de emissão: alveolar / médio-palatal, como em:

  gáda /   gáda – “gingada, jangada”

p  s  / pãs  – “pinção, panção”,

*  /  , pela mudança de zona de emissão: alveolar / velar, como em:

f  dár / f  dár – “findar, fundar”

as  táR / as  táR – “acintar, assuntar”

* f / t , pela marca da nasalidade, como em:

$\text{f} \text{ } \text{t} \text{ } \text{f} \text{ } \text{t}$ f fikáR “fincar, ficar”

É interessante observar que nas formas derivadas, ocorre a mudança do lugar do acento, que, de forma geral, é deslocada para o sufixo. Sendo assim, ocorre o arquifonema, já que a sílaba é inacentuada. Porém, a norma de realização é controlada pela forma primitiva de base, como por exemplo:

* Em posição tônica de base

$\text{p} \text{ } \text{s} \text{ } \text{p} \text{ } \text{s}$ / $\text{p} \text{ } \text{s} \text{ } \text{p} \text{ } \text{s}$ – “pinça, pança, pensa”

Nas formas derivadas:

$\text{p} \text{ } \text{s} \text{ } \text{p} \text{ } \text{s}$ / $\text{p} \text{ } \text{s} \text{ } \text{p} \text{ } \text{s}$ – “pinção, pensão”

3.10.2 O inventário fonológico da central em posição pós-tônica

f t f

$\text{f} / \text{ã}$, o traço distintivo é a zona de emissão: anterior / medial

$\text{vlá} \text{ } \text{vlá}$ / $\text{vlá} \text{ } \text{vlá}$ – “viagem, viajam”

* / l, pela marca da nasalidade, como em:

pás / pásl – “passem, passe”

láv / lávl – “lavem, lave”;

* / , pela mudança da zona de emissão: de anterior / posterior:

k / k – “colem (verbo colar), cólon”.

/ ã /

*ã / , pela mudança de: medial / anterior:

kálã / kál – “calam, calem”

kázã / Káz – “casam, casem”;

*ã / U, pela troca: medial / posterior:

K lã / kól – “colam, cólon”;

*ã / a, pela marca da nasalidade:

Kálã / kála – “calam, cala”

Kázã / káza – “casam, casa”

/  /

* / ã /  – pela zona de emissão: posterior / medial / anterior

K l / k lã / k – “cólon, colam, colem”

3.10.3 O inventário fonológico da central nasal em posição tônica

É possível encontrar as seguintes comutações:

*  / , pela mudança alveolar / pré-palatal:
l  dU / l  dU – “lindo, lendo”

*  / , pela mudança alveolar / velar
r  / r   “rim, rum”

*  / , pela mudança pré-palatal / médio-palatal
m  ta / m  ta – “menta, manta”

*  / , pela mudança pós-palatal / velar
t  ba / t  ba – “tomba, tumba”

Em síntese, as oposições exclusivas das vogais nasais para a central acentuada tônica são de cinco vogais a saber   
 

 oposição exclusiva da central inacentuada ocorrem três unidades fonológicas, sendo dois arquifonemas  e um .

3.11 Relação grafema-som-fonema

O problema da relação grafema-som-fonema coloca-se de imediato no momento da alfabetização (ler e escrever). Segundo Sally Shaywitz (2006), há muitos programas sobre fônica, de vários graus de eficácia. A fônica sistemática é um método organizado para ensinar as crianças sobre como as letras se relacionam aos sons. As crianças aprendem como converter letras em determinados sons e depois a combiná-los para ler uma palavra. Elas aprendem como diferentes padrões de letras representam sons diferentes. Aprendem regras e depois aprendem exceções a essas regras. Após algum tempo, a criança tem o conhecimento necessário para analisar e identificar quase que toda a palavra com que se depara. Em geral, os programas de fônica apresentam progressivamente a criança às diferentes relações letra-som.

Callou e Leite (2000) ainda nos faz recordar que sistema de transcrição fonética e fonêmica existem vários e já nos dão a indicação da dificuldade de uma única forma de representação gráfica. Um exemplo clássico dessa simplificação ortográfica por muitos proposta é a da letra *s* para representar o som de [z] (casa, mesa) e de *ss*, *c*, *ç* e *x* (posso, cedo, laço, próximo) para representarem o som [s]. Por que não representar o som [s] sempre por *s* e o som [z] pela letra *z*, indagam alguns. Poderíamos lembrar: a) o problema das palavras homófonas como coser, cozer; expiar, espiar; cessão, sessão, seção etc.; b) um exemplo como o das palavra *aterrisar* e *subsídios*, para as quais existem normalmente duas pronúncias – aterri[s]ar e aterri[z]ar, sub[s]ídios e sub[z]ídios. Para resolver o caso dessa variação, transcreveríamos, opcionalmente, das duas maneiras, (*s* ou *ss*) como já o fazem alguns lexicógrafos brasileiros.

As mesmas autoras ainda afirmam que os estudiosos que preconizam uma reforma ortográfica pautada na pronúncia parecem partir do pressuposto de que só existe uma – apenas uma – pronúncia aceitável para cada palavra da língua. As pesquisas empreendidas nos últimos anos mostram que não há uma unidade de pronúncia e que no nível fonético é aquele que reflete mais imediatamente as diferenças regionais e sociais. Não se pode tomar como modelo, como norma, a pronúncia de uma pessoa, de

uma única classe social e até de uma única região. Tomar como base o sistema fonológico – que talvez seja um só – seria também complexo, pois aquele deveria reproduzir o que o falante tem internalizado. Mudanças fonéticas e fonológicas estão sempre em curso e um sistema ortográfico não poderá nunca acompanhá-las. A ortografia não acompanhou, por exemplo, as mudanças do [] velarizado de final de sílaba em [w] nem tampouco a monotongação do ditongo [] em [] ocorridas em grande parte do Brasil.

Conclui-se que as dificuldades ortográficas que os estudantes (até mesmo universitários) muitas vezes apresentam têm razões de caráter educacional, da própria política de ensino do país. A reforma que acabou com a obrigatoriedade do ensino do latim, no primeiro e segundo graus em nossas escolas, certamente, trouxe prejuízos numa aprendizagem mais globalizante, já que se passou a conhecer menos a história de nossa língua e, conseqüentemente, a não reconhecer, por exemplo, a grafia de uma palavra por motivos etimológicos. Também o enfoque puramente sincrônico dado ao ensino contribui negativamente para um conhecimento mais aprofundado da língua portuguesa. Acredita-se que se possa chegar a um sistema de escrita homogêneo e que reproduza de forma biunívoca a fala, como solução para o problema dos erros ortográficos, é ignorar a enorme variabilidade do comportamento linguístico e sócio-cultural.

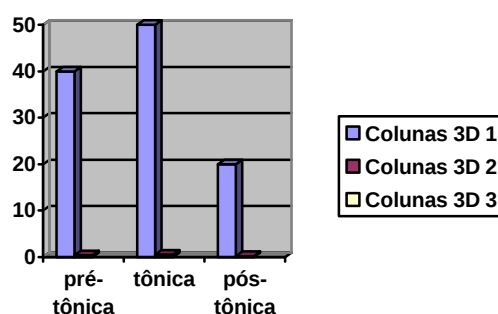
CAPÍTULO IV

RESULTADOS OBTIDOS DE UMA PRONÚNCIA STANDARDIZADA DAS VOGAIS NASAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Este capítulo apresenta os resultados obtidos das análises realizadas com as vogais nasais do corpus selecionado. Tais resultados indicam que a variação sonora quantitativamente e qualitativamente ocorrem em sílabas inacentuada e acentuadas.

4.1 A ocorrência das vogais nasais pelo critério quantitativo

Os resultados obtidos, totalizando as ocorrências das frequências em 100%, pelo critério quantitativo, indicam que as vogais nasais tônicas apresentam uma realização superior em relação às vogais pré e pós-tônica, podendo esta ser a característica da pronúncia standardizada “globês”.



Segue a legenda do gráfico acima:

V.N. pré- tônica	V.N. tônica	V.N. pós- tônica
40%	50%	20%

Segue abaixo a legenda que está na introdução, mas se faz importante a sua repetição para evitar qualquer compreensão indevida da descrição qualitativa das vogais nasais.

As unidades e lexicais foram segmentadas em relação ao acento da palavra em sílabas acentudas pré, pós e tônicas. Sendo assim, para esta pesquisa, organizaram-se as fichas por: SAT1- o acento estava posicionado uma sílaba antes da sílaba tônica, SAT2- o acento estava posicionado duas sílabas antes da sílaba tônica, SAT3- o acento estava posicionado três sílabas antes da sílaba tônica, SAT4- o acento estava posicionado quatro sílabas antes da sílaba tônica; ST1- o acento estava posicionado na 1º sílaba, ST2- o acento estava posicionado na 2º sílaba, ST3- o acento estava posicionado na 3º sílaba, ST4- o acento estava posicionado na 4º sílaba, ST5- o acento estava posicionado na 5ª sílaba, ST6- o acento estava posicionado na 6ª sílaba, ST7- o acento estava posicionado na 7ª sílaba; SPT1- o acento estava posicionado uma sílaba depois da sílaba tônica, SPT2- o acento estava posicionado duas sílabas depois da sílaba tônica, SPT3- o acento estava posicionado três sílabas depois da sílaba tônica, SPT4- o acento estava posicionado quatro sílabas depois da sílaba tônica.

4.2 A pronúncia standardizada das vogais nasais pré-tônicas

Como foi indicado nesta posição, estão três unidades fonológica



4.2.1 /ɐ̃/

A frequência de ocorrência do arquifonema   em relação a vogal nasal   podemos verificar que em SAT1 foi de 32%, seguido de SAT2 que também girou em torno de 32%. Em SAT3 foi de 27%, em SAT4, tivemos (8%), e, por último, SAT4 tivemos apenas (1%).

Na amostra realizada, a variação da realização sonora do arquifonema  é por    e por  , que há um controle frequente da realização de , pela forma escrita do arquifonema, ora por  ora por , como por exemplo: “atenção”    [at s  s    “impacto”  páctu  [pak  t ]

4.2.2 /ã/

A frequência da ocorrência da vogal nasal [ã], em sílaba SAT1 – foi de 51%. Em SAT2, foi de 37%, em SAT3 foi de 12%. Não houve ocorrências da

vogal nasal [ã] em SAT4.

Pode-se considerar que a ocorrência da vogal  em posição pré-tônica é de baixa frequência, quando comparada com o arquifonema  foi três vezes maior. No “globês”, a vogal pré-tônica  foi articulada com grau 3.

Os resultados obtidos indicam que a vogal nasal /ã/ mais frequente, ocorre na realização do grau de abertura 4. Na apuração dos resultados, /ã/ grau 3 obteve 32 ocorrências, e /ã/ grau 4 obteve 60 ocorrências. Nesse caso, as vogais nasais tônicas do 4º grau, ocorreram em número superior na pronúncia estandardizada.

Nesses casos, a variação implica a mudança do grau de abertura das bases articulatórias:

Os resultados obtidos indicam que a vogal nasal pré-tônica ocorre com o grau de abertura fechado e acentuada não tônica, como por exemplo:

“antigo” /  t  íg  /   t  íg  

4.2.3

A frequência da ocorrência da vogal nasal [], em sílaba SAT1 (sílabas anterior da tônica) – foi de 20%. Em SAT2 (duas antes da tônica), foi de 20%. SAT3 foi de 40%. Em SAT4 (quatro sílabas antes da tônica), foi de 20%.

Na amostra analisada, a variação da realização sonora do arquifonema /s/ é ora por [õ] ora por []. O que controla essa variação é a forma escrita da palavra, portanto a letra.

Por exemplo: "tonto" - /t  t , t  t   - [t  t ,
t  t   ] "tumba" - / t         ]

Em síntese, a padronização da pronúncia standardizada das vogais nasais pré-tônicas é realizada por:

Regra 1: Todas as vogais nasais são fechadas

Regra 2: Os arquifonemas    são realizados conforme são grafados na palavra escrita.

4.3 A pronúncia standardizada das vogais nasais tônicas

Como foi indicado nesta posição, ocorrem 5 vogais nasais nesta posição a saber:        


4.3.1  



A frequência desta ocorrência foi de 20% em ST1, foi de 80% em ST2; não houve ocorrência em ST3 e em ST4 . O fonema /



4.3.2 /

A frequência desta ocorrência foi de 10% em ST1, foi de 80% em ST2, foi de 5% em ST3 e foi de 5% em ST4 .

O fonema  ocorre com duas realizações padronizadas na pronúncia standardizada “globês” : tônica final e tônica não final.

Nas tônicas oxítonas ocorrem a realização ditongada [

* monossílabo:   “sem”; 

 “quem”

* com mais de uma sílaba:   “porém”;







“

O fonema /, nas demais sílabas acentuadas que não sejam oxítona, é realizado por [, como por exemplo: “Menta” ; “casamento”   .

De acordo com:

Regra 1: Todas as vogais nasais são fechadas

Regra 3: O fonema  é realizado pela vogal pré-palatal fechada nasal  nas posições paroxítona e proparoxítona; na posição oxítona é realizada pelo ditongo [].

4.3.3 //

A frequência desta ocorrência foi de 10% em ST1, foi de 80% em ST2, foi de 10% em ST3 não houve ocorrência em ST4.

O fonema /, é sempre realizado pelo som vocálico medial nasal fechado [, por exemplo: “maçã” ; “manta”   ; “kantaro”  [k  tarU] [k  tar]

Regra 1: Todas as vogais nasais são fechadas

4.3.4 / /

A frequência desta ocorrência foi de 10% em ST1, foi de 90% em ST2 e não houve ocorrência nas demais sílabas nos corpus analisados.

O fonema  ocorre com duas realizações padronizadas na pronúncia standardizada “globês” : tônica final e tônica não final.

O fonema  é sempre realizado pelo som vocálico pós-palatal fechado []

Nas tônicas oxítonas ocorrem a realização ditongada [], por exemplo:

* monossílabo: “tom”   

* com mais de uma sílaba: “batom”  [bat ] ; “bombom”
   [b  b   ]

O fonema /  / nas demais sílabas acentuadas que não sejam oxítona, é realizado por [], como por exemplo: “tombo”   
]; “gôndula”    

O ditongo [ɐ̃ɐ̃] é de difícil percepção auditiva, pois tanto o [ɐ̃], quanto a semivogal [ɐ̃] são pronunciadas pela posterior da boca, caixa faríngea, separada da caixa oral pelo levantamento do pós-dorso da língua. Como a caixa posterior é menor que a anterior, a ressonância é mais baixa, o que dificulta a percepção das duas unidades que formam o ditongo [ɐ̃ɐ̃], o que se percebe com maior nitidez é a realização da vogal [ɐ̃ɐ̃]

Regra 3: O fonema [ɐ̃] é realizado pela vogal pós-palatal fechada nasal [ɐ̃] nas posições paroxítona e proparoxítona; na posição oxítona é realizada pelo ditongo [ɐ̃ɐ̃].

4.3.5 /ɐ̃/

A frequência desta ocorrência foi de 10% em ST, foi de 80% em ST2, foi de 10% em ST3; não houve ocorrências em ST4.

O fonema /ɐ̃/ em posição tônica, não apresentou variação, sendo realizado pelo som [ɐ̃].

O fonema [ɐ̃] é sempre realizado pelo som vocálico velar fechado [ɐ̃], por exemplo: “atum” [atɐ̃] [ɐ̃] [ɐ̃] [ɐ̃]

“nunca”   [n  k^a].

4.4 A pronúncia standardizada das vogais nasais pós-tônicas

Como foi indicado nesta posição, estão três unidades fonológica



De forma geral, devido à preferência pelas paroxítonas, as vogais nasais pós-tônicas, apenas ocorrem na sílaba final, embora com baixa frequência.

4.4.1

O arquifonema  em posição pós-tônica ocorre em:

- sílaba final: baixíssima ocorrência e em nome feminino: “karem” 

[kár 

Em posição paroxítona, não ocorreu.

O arquifonema, em posição pós-tônica, segue a regra 2.

Regra 2: Os arquifonemas    são realizados conforme são grafados na palavra escrita.

4.4.2 /ã/

Como o português dá preferência as palavras paroxítonas, o fonema /ã/

pós-tônica somente na sílaba final.

Há duas pronúncias padronizadas para /ã/:

*na posição final de palavra é realizado pelo som [ã], como por exemplo “ímã” /ímã/ [ímã];

*em posição final de flexão verbal, é realizado pelo ditongo [ɐ̃], por exemplo: “cantam” [kɐ̃tã] [kɐ̃tɐ̃]

Regra 4: O fonema /ã/ pós-tônico, em flexão verbal na terceira pessoa do plural é realizado pelo [ɐ̃].

4.4.3 /s/

A realização do arquifonema [s] não ocorreu.

4.5. Juntura externa

Em juntura externas, os fonemas nasais ocorrem com as seguintes realizações padronizadas da pronúncia standardizada da TV globo

4.5.1 [ɐ̃] + vogal

O fonema tônico [ɐ̃] em final de palavra seguido de vogal é pronunciado com a epêntese da consoante nasal palatal “nh”. Por exemplo:

“assim era...” [asɐ̃nɐ̃] [asɐ̃nɐ̃]

Como o mesmo ocorre com o fonema tônico , é possível de se enunciar a regra 5.

Regra 5: As vogais nasais tônicas   seguidas de vogais em junturas externas, são realizadas com um som  epentético.

Regra 6: Nos ditongos nasais, ambas as vogais devem ser nasalizadas.

4.5.2  + vogal

O fonema tônico   em final de palavra seguido de vogal é pronunciado com a epêntese da consoante nasal palatal “nh”. Por exemplo: “tem uma...”    [t   úma].

A pronúncia dessa junção externa segue as regras 3 e 5.

Regra 3: O fonema  é realizado pela vogal pré-palatal fechada nasal  nas posições paroxítona e proparoxítona; na posição oxítona é realizada pelo ditongo .

Regra 5: As vogais nasais tônicas   seguidas de vogais em junturas externas, são realizadas com um som  epentético.

Regra 6: Nos ditongos nasais, ambas as vogais devem ser nasalizadas.

4.5.3 + vogal

A realização do fonema  não apresentou variação, sendo realizado o hiato. Por exemplo: “a anã era...”  
    

4.5.4 vogal

Nessa junção externa, ocorre a propagação da semi-vogal: “falam até...”
   
    

A realização dessa junção, segue a regra 4.

Regra 4: O fonema /ã/ pós-tônico, em flexão verbal na terceira pessoa do plural, é realizado pelo [.

Regra 6: Nos ditongos nasais, ambas as vogais devem ser nasalizadas.

4.5.5 vogal

Nessa junção, devida à ditongação de  ocorre a propagação da semivogal, formando dois ditongos, por exemplo: “o tom era”



Regra 3: O fonema  é realizado pela vogal pós-palatal fechada nasal  nas posições paroxítona e proparoxítona; na posição oxítona é realizada pelo ditongo[].

Regra 6: Nos ditongos nasais, ambas as vogais devem ser nasalizadas.

Regra 7: O fonema /  / pós-tônico, é realizado pela ditongação  Essa junção é realizada com a propagação da semivogal, ocorrendo dois ditongos

4.5.6 vogal

Nesta junção também ocorre ditongação e propagação da semivogal. Por exemplo: “o atum agora...”  at  ag  ra [at   ag  ra^a]

A realização desta juntura externa segue as regras 3 e 6:

Regra 3: O fonema    é realizado pela vogal velar fechada nasal  nas posições paroxítona e proparoxítona; na posição oxítona é realizada pelo ditongo w].

Regra 6: O fonema /  / pós-tônico, é realizado pela ditongação w . Essa juntura é realizada com a propagação da semivogal, ocorrendo dois ditongos.

Em síntese, a pronúncia padronizada das vogais nasais pré, pós e tônicas pode ser apresentada por 6 regras.

Os resultados obtidos das análises indicam um número de variações menor do que os apresentados por Silveira (1986) e Callou e Leite (2000).

Entende-se que essa redução foi ocasionada pelo tratamento da pronúncia standardizada da TV Globo. As autoras citadas não tratam apenas de padrões de pronúncias, mas das diferentes possibilidades de variações.

É interessante insistir que a pronúncia standardizada das vogais nasais, sejam acentuadas ou inacentuadas, elas sempre serão realizadas com uma acentuação maior que as inacentuadas, porém menor que as tônicas, devido a passagem do ar em duas caixas de ressonância: oral e nasal.

Todas elas, também, são pronunciadas fechadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta dissertação, são revistos os objetivos propostos:

Acredita-se que o objetivo geral foi cumprido. Esse objetivo é contribuir com a descrição de uma pronúncia standardizada do Português Brasileiro, a fim de desestrangeirizar alunos estrangeiros aprendizes do português brasileiro e falantes de outras línguas.

As descrições realizadas, relativas à vogal nasal pré, pós e tônica podem trazer contribuições para uma descrição da pronúncia standardizada do português brasileiro.

Acredita-se, também, que os objetivos específicos:

1-A descrição quantitativa das ocorrências das vogais nasais acentuadas e inacentuda é :

V.N. pré-tônica	V.N. tônica	V.N. pós-tônica
40%	50%	20%

Vogais pré-tônicas são realizadas pelo controle das seguintes regras:

Regra 1: Todas as vogais nasais são fechadas

Regra 2: Os arquifonemas    são realizados conforme são grafados na palavra escrita.

2-A descrição qualitativa da pronúncia das vogais nasais pós –tônicas, seguem as seguintes regras:

Regra 2: Os arquifonemas    são realizados conforme são grafados na palavra escrita.

Regra 4: O fonema /ã/ pós-tônico, em flexão verbal na terceira pessoa do plural é realizado pelo .

3-A descrição qualitativa da pronúncia das vogais nasais tônicas, seguem as seguintes regras:

Regra 1: Todas as vogais nasais são fechadas

Regra 3: O fonema  é realizado pela vogal pré-palatal fechada nasal  nas posições paroxítona e proparoxítona; na posição oxítona é realizada pelo ditongo .

Regra 3: O fonema    é realizado pela vogal pós-palatal fechada nasal   nas posições paroxítona e proparoxítona; na posição oxítona é realizada pelo ditongo .

A indicação numérica das regras que controlam a pronúncia standardizada das vogais nasais segue a mesma ordem das análises realizadas.

Além dos objetivos propostos, verificou-se que as junturas externas produzem variação na pronúncia standardizada das vogais nasais do português brasileiro. As junturas seguem as seguintes regras:

Regra 5: As vogais nasais tônicas    seguidas de vogais em junturas externas, são realizadas com um som  epentético.

Regra 3: O fonema  é realizado pela vogal pré-palatal fechada nasal  nas posições paroxítona e proparoxítona; na posição oxítona é realizada pelo ditongo .

Regra 3: O fonema  é realizado pela vogal pós-palatal fechada nasal  nas posições paroxítona e proparoxítona; na posição oxítona é realizada pelo ditongo .

Regra 4: O fonema /ã/ pós-tônico, em flexão verbal na terceira pessoa do plural é realizado pelo .

Regra 6: Nos ditongos nasais, ambas as vogais devem ser nasalizadas.

Regra 7: O fonema /  / pós-tônico, é realizado pela ditongação  . Essa juntura é realizada com a propagação da semivogal, ocorrendo dois ditongos

Regra 3: O fonema    é realizado pela vogal velar fechada nasal    nas posições paroxítona e proparoxítona; na posição oxítona é realizada pelo ditongo  w].

Regra 7: O fonema /  / pós-tônico, é realizado pela ditongação  . Essa juntura é realizada com a propagação da semivogal, ocorrendo dois ditongos.

Os resultados obtidos das análises realizadas com esta investigação, indicam que é possível de se apresentar um conjunto de regras que controlam a pronúncia standardizada dos apresentadores do jornal televisivo da globo.

O mesmo procedimento analítico foi realizado por Bello-Bisson (2001) e por Assis (2001) que trataram respectivamente da pronúncia das vogais orais e das curvas entonatória do português brasileiro.

Como novas perspectivas, acredita-se que os demais elementos fonológicos da língua portuguesa precisam ser descritos, a fim de se obter o conjunto das regras gramaticais que controlam a pronúncia standardizada do português brasileiro, e que é reconhecida por nativos e estrangeiros, conforme Silveira (2008) afirma, pronúncia identitária brasileira, apresentando-se como uma unidade imaginária na diversidade múltipla de pronúncias dos brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADA S. M. A de . *Fala clara dura só 20 minutos*. Folha de São Paulo, São Paulo, p. A7 - A7, n. 11, set. 2004.

ANDRADA S. M. A de ; CUNHA, C. ; MARCHESAN, I. Q. ; BERNARDI, A. P. A. *Eles soltam a língua*. Diário Popular, São Paulo, p. 3 - 3, 10, set. 2000.

_____. *A Voz Cantada na Fonoaudiologia*. V Congresso Internacional, XI Congresso Brasileiro e I Encontro Cearense de Fonoaudiologia, 2003. Fortaleza.

AZCOAGA, J. et al. *Los Retardos del Lenguaje en el Niño*. Buenos Aires: Paidós, 1981.

ANDROUTSOS, G. *Departamento de História da Medicina*. Faculdade de Medicina da Universidade de Ioannina, Grécia; 2007 .

BAGNO, M. *Preconceito Lingüístico: o que é e como se faz*. Edições Loyola, São Paulo, 1999.

BECHARA, E. (1959). *Moderna Gramática Portuguesa*. 19.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

BELLO-BISSON, A. N. de. *Um estudo da variação das vogais orais inacentuadas no português brasileiro*. Tese de mestrado em Língua Portuguesa. PUC/SP, 2001.

BERTI, L. C. ; CHACON, L. *Flutuações nos registros escritos do fonema /a/ em contexto de nasalização em pré-escolares*. In: Encontro do CELSUL,: 8. 2008.

Porto Alegre. Programação e resumos. Pelotas: EDUCAT, 2008. v. Único. p. 78-79.

BILL, E. F.; FRANK M. *Skinner X Rogers: Maneiras contrastantes de encarar a educação*. 8 ed. São Paulo: Summus, 1978. 196 p.

BISOL, L. *Harmonização vocálica*. Tese de doutorado, Rio de Janeiro, UFRJ, 1981.

CAGLIARI, L.C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Tese (livre docência), UNICAMP, Instituto de Estudos e Linguagem, Campinas, 1981.

CALLOU, D. & LEITE, Y. *Introdução à Fonética e Fonologia*. 6 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

CALVET, L-J. *As políticas linguísticas*. Ed. Parábola, (Trad. Org. fr. ,6ª ed., 1942).

CAMARA JR., J.M. *Dicionário de filologia gramática referente a língua portuguesa*. 2ª ed. ref. , Rio, Ozon Ed. 1964.

_____(1969). *Problemas de linguística descritiva*. 5.ed. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1971.

CARDONA, G.R. – *Dizionario di lingüística*. Roma: Armando, 1988.

CHACON, L. . *Alguns princípios para o trabalho com Língua Portuguesa em cursos de formação de professores*. Alfa (ILCSE/UNESP) ^{JCR}, São Paulo, v. 34, 1990.

_____. *Fonologia prosódica e interpretação de canções populares*.

In: XVII Seminário da Voz, 2007, São Paulo. Voz: expressões da subjetividade - Anais do XVII Seminário da Voz. São Paulo : PUC-SP, 2007. v. Único. p. 15-26.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. Mouton: The Hague, 1957.

DENHIÈRE, G. et BAUDET, S.- *Compréhension de texte et science cognitive*. Paris, Press Universitaires de France, 1992.

FERREIRA, L. P. ; ALGODOAL, M. J. ; ANDRADA S. M. A. *A Avaliação da Voz na visão (e no ouvido) do Fonoaudiólogo: Saber o que procura para entender o que se acha*. Irene Queiroz Marchesan; Jaime Luiz Zorzi; Ivone C. Dias Gomes. (Org.). In: *Tópicos em Fonoaudiologia*. São Paulo: Lovise, 1997, v. IV, p. 393-413.

HEYE, J. –*A importância da sociolinguística no ensino da língua portuguesa*. In: *Sociedade, cultura e língua- ensaios de sócio e etnolinguística*. Org. de Linalda de Arruda Mello, João Pessoa, Shorin, 1990.

HOTZ, R. L. *Cientistas Desvendam Mistérios da Linguagem*. O Estado de São Paulo. São Paulo, 05 fevereiro 2000. Caderno Ciência e Tecnologia.

ILARI, R. ; BASSO, R. M. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006. v.1. 272 p.

KINTSCH, W. & VAN DIJK, T. A. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983.

LENNEBERG, E. H. *The Capacity of Language Acquisition in Fodor and Katz*, Fodor, Jerry and Jerrold Katz, eds. 1964.

LENT, R. *Nossos Dois Cérebros Diferentes*. Revista Ciência Hoje. Vol.16 nº 94,1994.

LINS S.; *Muito além do Jardim Botânico: em estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores*. São Paulo: Summus, 1985.

MADUREIRA, S. *Introdução ao Estudo dos Sons*. São Paulo: PUC/SP, LAEL, 1999. (mimeografado).

MEDEIROS, B. R. *O português brasileiro e a pronúncia do canto erudito: reflexões preliminares*. In: ARTEunesp, São Paulo, v. 1, n. 16, p. 11-240, 2003.

_____; DEMOLIN, D. *Vogais nasais do português brasileiro: um estudo de IRM*. In: Revista da ABRALIN, v. V, p. 131-142, 2006.

_____. *Vogais nasais do português brasileiro: reflexões preliminares*. In: Revista de Letras (Curitiba. 1996), v. 72, p. 165-188, 2007.

MEDEIROS, B. R. ; D'IMPERIO ; ESPESSER, R. *O apêndice nasal: dados aerodinâmicos e duracionais*. In: Revista do GEL (Araraquara), v. 5p. 123-138, 2008.

PIAGET, S. J. W. F. *A Linguagem e o Pensamento da Criança*. Trad. Manuel Campos. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959. 307 p.

PRETTI, D. *Expectativa e aceitabilidade social das formas linguísticas: subsídios para uma conceituação de "erro" lingüístico* .In: Estudos Linguísticos XXIII. Anais de seminários do GEL, São Paulo, 1994.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix/Editora da USP, 1969 (Trad. Org. 1ª ed., 1916).

SCHUCHARDT, H- *Gegen die junggrammatiker*. Berlin, 1885.

SILVEIRA, R.C.P. da. – *Estudos da fonética do idioma português*. São Paulo: Cortez, 1983.

_____. *Estudos de fonologia Portuguesa*. São Paulo: Cortez, 1986.

_____. *Aspectos da identidade cultural brasileira para uma perspectiva interculturalista no ensino/apredizagem de Português Língua Estrangeira*. In: *Português Língua Estrangeira-Perspectivas*. São Paulo: Cortez, IP-PUC/SP, 1998.

_____. *Uma pronúncia do Português Brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, p. 13, 2005.

VYGOTSKY, L.S. *Consciousness as a problem in the Psychology of Behavior*. essay, 1925.